A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1987

A LIAHONA

Fevereiro 1987 Volume 40 nº 2
PBMA0540PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Comitê de Supervisão: Joseph B. Wirthlin, John H. Groberg, James M. Paramore, Hugh W. Pinnock

Editor: Joseph B. Wirthlin

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Desenhista: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Diretor de Distribuição: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Aquarela do Templo de Kirtland por Al Rounds em 1980. Cortesia de Kent Rounds. O templo que não mais pertence à Igreja, foi dedicado em 1836 pelo Profeta Joseph Smith.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 20,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 2,50**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O BEM-ESTAR PESSOAL E FAMILIAR
Presidente Thomas S. Monson

9 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

11 MEU MESTRE FAMILIAR, MEU AMIGO
William Wanet Miller

13 ANNA-LIISA RINNE: ENCONTRAR A VIDA POR MEIO DO SERVIÇO
Marja-Leena Kiviniemi

18 GUILLERMO
Renon Klossner Hulet

20 TAENGA, A ILHA PERDIDA
Yves e Kathleen Perrin

25 "POR QUE PRECISARIAM DE UM OUTRO MÓRMON NA CIDADE DO LAGO SALGADO?"
Janet Peterson

30 EDIFICAR FAMÍLIAS MAIS FORTES

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

35 JUNTOS EM RETIDÃO
Ardeth G. Kapp

40 "PORVENTURA NÃO HÁ RAZÃO?"
Élder Vaughn J. Featherstone

44 AMO VOCÊ, PALHAÇO
Melvin Leavitt

SEÇÃO INFANTIL

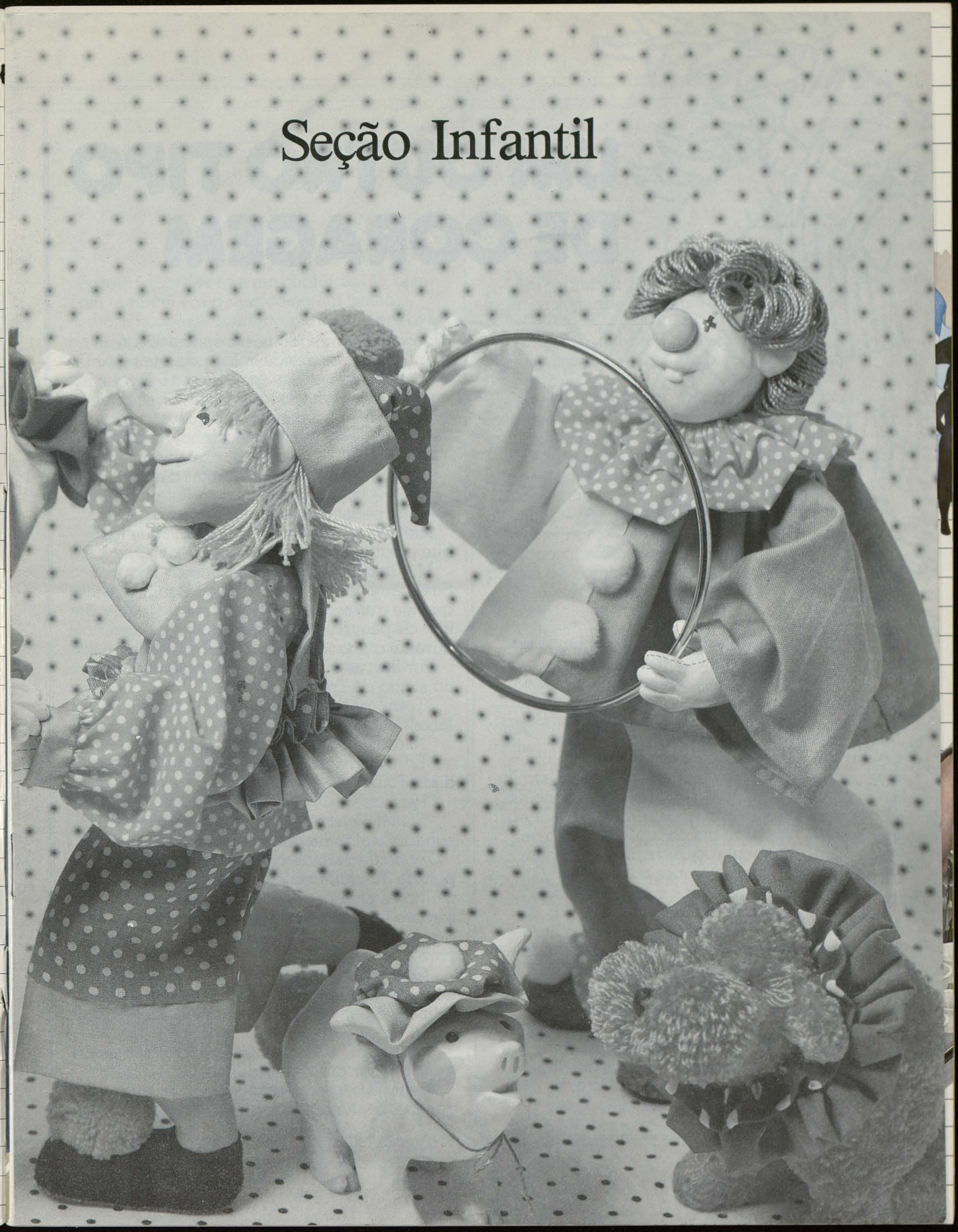
2 UM OUTRO TIPO DE CORAGEM
Louise Hurd

5 AMON: MISSIONÁRIO ENTRE OS LAMANITAS (HISTÓRIA DAS ESCRITURAS)

7 RECONHECER NOSSOS LÍDERES

8 LIGUE OS PONTOS
N. Kay Stevenson

Seção Infantil



UM OUTRO TIPO DE CORAGEM

Louise Hurd

Trent sentou-se bem lá no alto do carvalho, balançando uma perna sobre um galho. Quando Jared e Tom o chamaram lá em baixo, ele nem os ouviu. Estava sonhando acordado com um livro que havia lido. Sua avó lhe dera o livro *Crianças Pioneiras* no aniversário. Depois de ler o livro um pouco, deixara-o na cama e subira na árvore para pensar sobre as crianças pioneiras e suas espantosas experiências.

Um menino citado no livro salvara suas duas irmãzinhas quando a casa e os campos pegaram fogo. Outro havia encontrado alimento para sua família, enquanto seu pai estava fora, lutando na guerra.

As histórias contavam a respeito dos muitos perigos que as crianças pioneiras enfrentaram — ursos, coiotes, fome, e algumas vezes índios renegados. Trent desejava ter vivido nessa época. Ele teria enfrentado os desafios! Ele poderia espantar coiotes e ursos. Ele aprendera no Escotismo como fazer uma cova na neve, onde poderia manter-se aquecido com seu irmãozinho, se ficassem perdidos, exatamente como uma das garotas fizeram numa das histórias. Ele dividiria um pedaço de pão com uma criança faminta, mesmo que fosse toda a comida que possuísse.

Mas isso nunca aconteceria com Trent. Sua mãe podia comprar-lhe qualquer coisa que ele quisesse no mercado — qualquer tipo de pão, frutas frescas e hortaliças durante o ano todo, até mesmo guloseimas.

Por fim, as vozes lá em baixo penetraram no sonho de Trent.

"Trent, o que há com você?" chamou Jared. "Você ficou surdo?"

"Não. Por que?"

"Estávamos gritando para você descer", disse Tom.

"Para quê?"

"Sei lá! Vamos só andar um pouco até acharmos alguma coisa para fazer."

Tenho certeza de que vocês acharão, pensou Trent. Jared e Tom eram seus melhores amigos, mas ultimamente eles sempre faziam algum tipo de travessura. Trent desceu alguns galhos e depois pulou para o chão.

"O que você estava fazendo lá em cima, afinal de contas?" perguntou Jared.

"Estava pensando no livro que andei lendo", respondeu Trent. "É sobre —"

"Um livro!" zombou Jared. "Você não tem nada melhor para fazer do que ler livros?"

Trent olhou para Jared de modo penetrante, tentando ver além dos olhos

negros e a sardas que ele conhecia tão bem. Tom também era quase como um irmão, embora houvesse mudado para a vizinhança havia apenas seis meses.

"O que há de errado com você, Jared?" perguntou Trent. "Você gostava de ler. Você costumava gostar de outras coisas de que eu também gosto."

Jared simplesmente ignorou a pergunta de Trent.

"Ei, olhem!" disse Tom, apontando. "Lá vem o Reggie. Vamos mexer com ele."

Trent estremeceu.

Reggie estava fazendo uma força enorme para pedalar sua biclicleta morro acima, com o suor se acumulando em sua testa, um saco de papel seguro firmemente numa das mãos. Reggie se esforçava ao máximo, mas simplesmente não podia fazer uma porção de coisas muito bem, e freqüentava uma classe especial para pessoas de aprendizagem lenta.

"Ei, você aí!" disse Tom à medida que Reggie se aproximava deles, "Caras bobos como você não podem passar nesta rua. Você terá de voltar e fazer outro caminho."

Reggie parou de pedalar e colocou os pés no chão. Olhou ao redor, confuso.

"Qual é o problema?" continuou Tom, "Você não conhece o caminho?"

Jared reprimiu o riso. Reggie era mais velho do que eles. Era maior, também, mas parecia assustado.

"O que há nesse saco de papel?" perguntou Tom.

"Bombom."

"Ah, vamos ver", disse Jared, tomando o pacote de Reggie. "Talvez você tenha meu tipo preferido de bombom aqui."

Jared tirou o bombom, e ele e Tom começaram a dividi-lo entre si.

Reggie pestanejou algumas vezes, e Trent viu lágrimas em seus olhos. "Meu pai me deu o dinheiro", disse Reggie com voz trêmula. "Eu ganhei."

"Ah!" zombou Tom. "O que você teve de fazer para ganhá-lo? Amarrar o cordão dos sapatos?"

"Abotoar a camisa?" acrescentou Jared.

Trent sentiu as lágrimas começarem a brotar-lhe nos olhos. Ele não queria ir contra seus melhores amigos, mas sabia o que tinha de fazer. "Parem com isso!" gritou.

Tom e Jared olharam para ele, surpresos. Até mesmo Reggie parecia surpreso. Trent tirou o bombom das mãos de seus amigos.

"Ora", disse Tom. "Estamos apenas nos divertindo um pouco."

"Não é muito divertido para o Reggie, é?" Trent perguntou enquanto entregava o pacote de bombons de volta para Reggie.

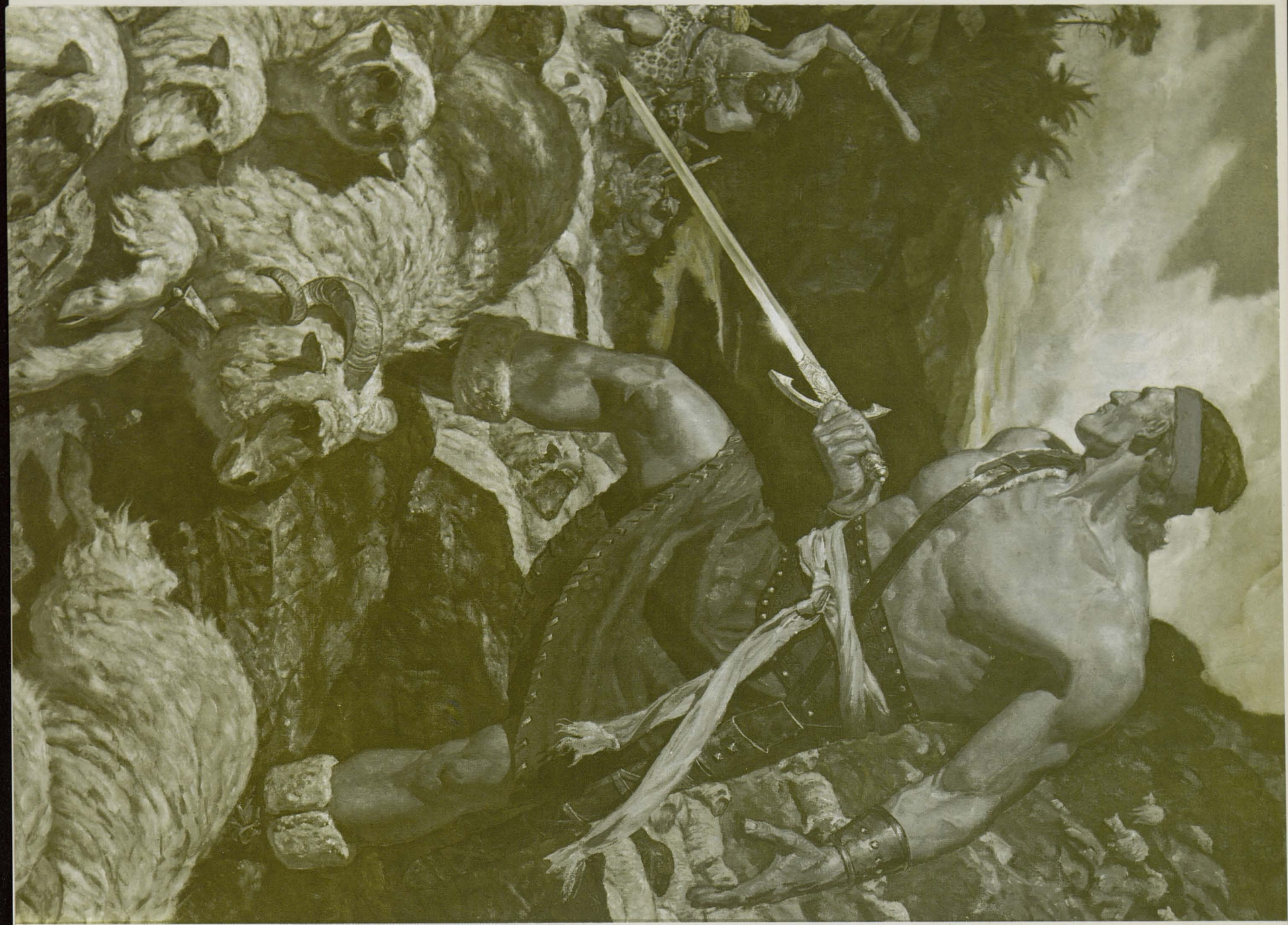
"Não", disse Reggie, limpando as lágrimas do rosto.

"Vamos", disse Trent, com a mão no ombro de Reggie. "Vou com você."

Enquanto andavam, equilibrando a bicicleta entre os dois, Trent e Reggie conversaram. Conversaram sobre bicicletas, e Reggie contou a Trent sobre seu novo cachorrinho.

Quando se despediram, Trent sentia-se bem com o que fizera. Percebeu que, embora não tivesse enfrentado a fome ou os ursos, como as crianças pioneiras de seu livro haviam feito, agindo contra seus amigos para ajudar Reggie, agira com coragem também. *Era apenas um outro tipo de coragem*. □

Ilustração de Richard Brown



Pintura de Arnold Friberg

AMON, MISSIONÁRIO ENTRE OS LAMANITAS

Amon e seus irmãos, os filhos do Rei Mosiah, imploraram a seu pai que os deixasse ir em missão entre os lamanitas. O Rei Mosiah não sabia se devia deixar seus filhos ir, porque os lamanitas eram um povo iníquo que se deleitava em matar. Mosiah orou e perguntou ao Senhor.

O Senhor disse: "Deixa-os ir, pois que muitos acreditarão em suas palavras e livrarei teus filhos das mãos dos lamanitas." (Mosiah 28:7.) Quando alguns dos amigos de Amon ouviram seu desejo, riram. Achavam que era uma perda de tempo tentar ensinar os iníquos lamanitas. Mas Amon e seus irmãos queriam que todas as pessoas tivessem a oportunidade de ouvir o evangelho.

Eles saíram de sua casa em Zarahemla e viajaram para a terra de Néfi, onde viviam os lamanitas. Enquanto viajavam, freqüentemente jejuaram e oraram para que pudessem ser instrumentos nas mãos de Deus para levar aos lamanitas o conhecimento da verdade. Depois de chegar nas fronteiras da terra dos lamanitas, separaram-se, cada um seguindo uma direção diferente.

Deixando os outros, Amon entrou sozinho na terra de Ismael. Quando entrou naquela terra, foi capturado e jogado na prisão. Os lamanitas o amarraram como a um inimigo e o conduziram à presença de seu rei, perguntando se deveriam matá-lo ou não. Rodeado de lamanitas, Amon enfrentou o Rei Lamôni sem medo. Lamôni perguntou a Amon se queria viver entre os lamanitas.

Humildemente, Amon respondeu: "Desejo morar com esta gente por algum tempo; sim, e talvez até a minha morte." (Alma 17:23.) Essa resposta agradou muito ao Rei Lamôni, e assim ele mandou que desamarrassem Amon e ofereceu-lhe uma de suas filhas como esposa. Mas Amon viera para fazer o trabalho missionário, por isso respondeu: "Não, mas serei teu servidor." (Vers. 25.) E assim Amon se tornou servo do Rei Lamôni.

Três dias depois, Amon e outros servos estavam conduzindo os rebanhos do rei para o bebedouro, onde poderiam matar a sede, quando um grupo de lamanitas perversos veio e afugentou as ovelhas do rei.

"Agora o rei nos fará matar, como o fez com nossos irmãos, porque seus rebanhos foram espalhados", (vers. 28), gritaram os servos do rei. Mas Amon se encheu de alegria. Agora ele teria uma oportunidade de mostrar o poder do Senhor e ganhar a confiança dos servos, que assim acreditariam em suas palavras.

"Tende bom ânimo", encorajou Amon. "Reuniremos...e preservaremos os rebanhos para o rei, que não nos tirará a vida."

Os servos correram para reunir os rebanhos, mas o grupo de lamanitas perversos veio novamente.

"Cercai os rebanhos para que não fujam!" orientou Amon. "Eu contenderei com estes homens perversos."

Os ladrões lamanitas não tinham medo de Amon, pois pensavam que um de seus homens poderia facilmente matá-lo. Mas eles não sabiam que o Senhor prometera ao Rei Mosiah que Amon seria protegido em sua missão. Confiando no Senhor, Amon foi lutar sozinho com os homens.

Amon usou sua funda para matar seis dos homens perversos com pedras. Mas os ladrões não conseguiam atingir Amon com suas pedras. Com raiva, correram em direção a ele com seus cajados, mas quando levantavam o cajado, ele cortava-lhes os braços com sua espada. Amedrontados, os homens perversos afastaram-se correndo.

Os servos que estavam vigiando os rebanhos ficaram maravilhados. Juntaram os braços cortados, levaram-nos para o Rei Lamôni, e lhe contaram tudo o que tinha acontecido.

"Certamente é mais que um homem", pensou o rei. "Não será talvez o Grande Espírito que envia tão grandes castigos sobre esse povo por causa de seus assassínios?" (Alma 18:2.)

"Se ele é o Grande Espírito ou um homem, não o sabemos; responderam os servos; sabemos, porém, que ele não pode ser morto pelos inimigos do rei, nem podem estes espalhar os rebanhos do rei, quando ele está conosco." (Vers. 3.)

"Onde está este homem que tem tão grande poder?" perguntou o Rei Lamôni. (Vers. 8.)

"Eis que está tratando de teus cavalos." (Vers. 9.)

Lamôni disse: "Certamente não houve nenhum de meus servos que tivesse sido tão fiel como este homem. E agora estou certo de que é o Grande Espírito e desejaria que viesse a mim, porém, não me atrevo." (Vers. 10-11.)

Quando Amon voltou para dizer que havia terminado seu trabalho, ficou surpreso ao ver que a expressão no rosto do Rei Lamôni havia mudado. Amon virou-se para sair, mas o servo do rei o impediu, dizendo: "Poderoso, o rei deseja que fiques." (Vers. 13.)

Amon voltou-se para o rei e perguntou: "Que desejas que eu faça por ti, ó rei?" Mas Lamôni não sabia o que dizer. Então Amon perguntou novamente: "Que desejas de mim?" Mas ainda o rei não conseguia responder.

Cheio do Espírito de Deus, Amon entendeu os pensamentos do rei. "Tu te admiras porque defendi teus rebanhos", exclamou Amon; "mas sou teu servo e tudo quanto desejares, sendo justo, eu o farei".

Finalmente, o Rei Lamôni falou: "Quem és tu? Serás o Grande Espírito, que tudo sabe?"

"Não sou", respondeu Amon.

"Então, com que poder conheces tu meus pensamentos, e fazes estas grandes coisas?" questionou o rei.

"Se eu te disser, acreditarás em minhas palavras?" perguntou Amon.

E o rei exclamou: "Sim, acreditarei em tuas palavras."

Agora Lamôni estava pronto para aprender sobre o evangelho. Amon ensinou-lhe sobre Deus, sobre a criação do mundo, e sobre o propósito da vida. O rei acreditou em Amon e começou a orar: "Ó Senhor, tem misericórdia de mim e de meu povo." Então caiu por terra, como se estivesse morto. Os servos de Lamôni o levaram para seu quarto, onde ele permaneceu sem vida durante dois dias e duas noites.

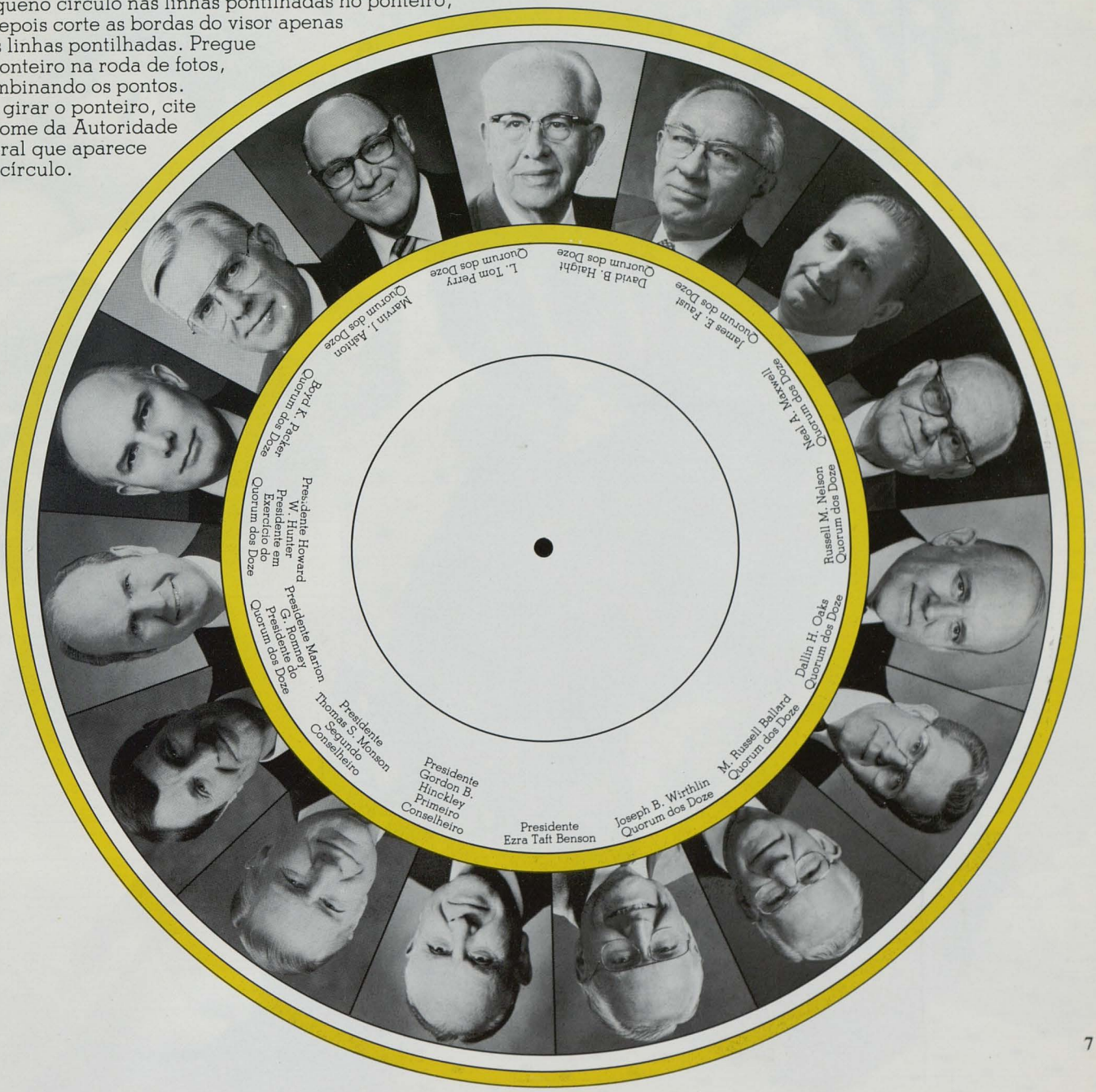
A pedido da rainha, Amon veio para ver o marido dela. Amon assegurou-lhe que Lamôni não estava morto, mas se levantaria no dia seguinte. A rainha acreditou, e no dia seguinte, como Amon prometera, o Rei Lamôni levantou-se. O rei contou a todas as pessoas que estavam no palácio que vira seu Redentor. Começou a ensinar ao povo as grandes coisas que Amon lhe ensinara. Lamôni e uma grande parte de seu povo foram batizados. Assim, Amon abriu as portas para o ensino do evangelho num dos países dos lamanitas. □

(Esta história se encontra em Alma 17-19.)

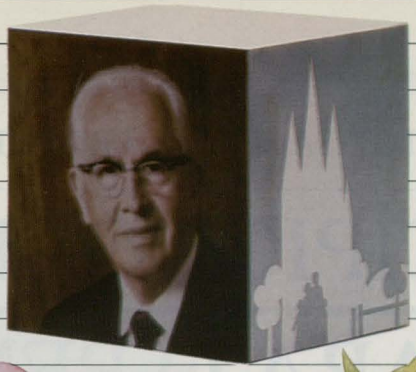
RECONHECER NOSSOS LÍDERES

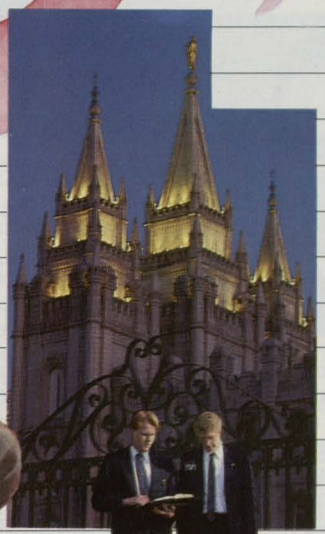
Instruções: Retire esta página da revista e cole-a num pedaço de papelão leve. Recorte a roda de fotos e o ponteiro. Cuidadosamente recorte o pequeno círculo nas linhas pontilhadas no ponteiro, e depois corte as bordas do visor apenas nas linhas pontilhadas. Pregue o ponteiro na roda de fotos, combinando os pontos. Ao girar o ponteiro, cite o nome da Autoridade Geral que aparece no círculo.

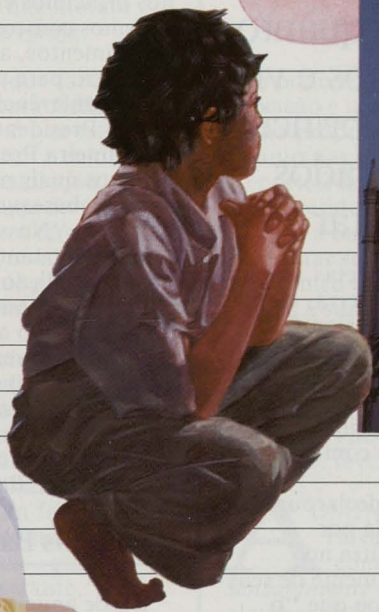
Verifique sua resposta, levantando a aba que fecha o visor, no ponteiro. Quando forem chamados novos líderes, você poderá atualizar sua roda de fotos.



LIGUE OS PONTOS
N. Kay Stevenson
47
46
44
30
21
48
31
29
22
24
23
19
20
45
43
28
25
14
32
27
26
42
49
9
18
15
10
33
1
16
13
4
41
11
17
12
34
50
8
2
3
5
7
35
6
51
36
52
39
38
37







MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O BEM-ESTAR PESSOAL E FAMILIAR

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Nosso progresso como povo depende do quanto entendemos e vivemos os princípios inspirados de bem-estar.

No domingo, 5 de abril de 1936, os profetas, videntes e reveladores da Igreja de Deus na terra, naquela época, tiveram uma reunião muito significativa. Presidindo a reunião, estava o Presidente Heber J. Grant, com seus conselheiros, Presidente J. Reuben Clark Jr., e Presidente David O. McKay. Surgiu nessa circunstância uma aplicação moderna de princípios eternos, naquilo que viria a ser conhecido como o plano de bem-estar da Igreja.

Naquela reunião, o Presidente McKay declarou: "Essa organização (a Igreja) é estabelecida por revelação divina, e não existe nenhuma outra no mundo inteiro capaz de cuidar tão efetivamente de seus membros." O Presidente Clark acrescentou que "o Senhor deu-nos a espiritualidade. Deu-nos o verdadeiro comando... Os olhos do mundo estão fixos em nós" e depois acrescentou: "Que o Senhor (nos) abençoe, (nos) dê coragem, sabedoria e visão para levarmos adiante esta grande obra." (Henry D. Taylor, *The Church Welfare Plan*, conforme citado em "Um Plano Previdente — Uma Preciosa Promessa", Thomas S. Monson, *A Liahona*, julho de 1986, p. 64.)

Ao pesquisar essas declarações decisivas e o conselho inspirado pelos céus que veio no ano de criação do plano de bem-estar da Igreja, fiquei impressionado. Ao nos prepararmos para prosseguir com ênfase renovada nos princípios eternos de bem-estar da Igreja, sinto que devemos começar por rever aqueles antigos ensinamentos, a fim de que nos dêem a força e a resolução para prosseguir.

Na conferência geral de outubro daquele mesmo ano, o Presidente Heber J. Grant leu uma declaração da Primeira Presidência, que explicava os princípios sobre os quais os esforços da Igreja em relação ao bem-estar se baseavam. Ali estavam estas conhecidas palavras: "Nosso propósito fundamental foi estabelecer, tanto quanto possível, um sistema sob o qual a maldição da preguiça seria eliminada, e os demônios da esmola abolidos, deixando brotar no seio do nosso povo a independência, a industriosidade, a economia e o respeito próprio. O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. O trabalho deverá ser reintroduzido como o princípio que rege a vida dos membros da nossa Igreja." (Conference Report, outubro de 1936; também em *Manual do Programa de Bem-Estar*, p. 1.)

Princípios Básicos que Não Mudam

Desde aquele começo, nós, como Igreja, continuamos a receber orientação divina, conforme as circunstâncias o exigiram. Os programas e procedimentos usados para o desenvolvimento dos princípios de bem-estar foram modificados, e provavelmente continuarão a mudar de tempos em tempos, para atender às mudanças de necessidades. Mas os princípios básicos não mudam. Eles não vão mudar. São verdades reveladas. Recebemos conselho direto em relação à aplicação dessas verdades

reveladas. Organizei esses princípios orientadores por tópicos da seguinte maneira: trabalho, autoconfiança, boa administração financeira, suprimentos para um ano, cuidado com todos os parentes (não apenas os pais ou filhos que moram conosco), e uso criterioso dos recursos da Igreja.

O TRABALHO é a base de tudo o que fazemos. A primeira orientação de Deus para Adão no Jardim do Éden, de acordo com o que está registrado nas escrituras, foi lavrar o jardim e cuidar dele. Depois da queda de Adão, Deus amaldiçoou a terra por causa de Adão, dizendo: "No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra." (Gênesis 3:19.) Hoje, muitos esqueceram o valor do trabalho. Alguns falsamente acreditam que a maior meta da vida é conseguir uma condição em que não precisem mais trabalhar.

Atendamos ao conselho dado pelo Presidente Stephen L. Richards, em 1939: "Sempre dignificamos o trabalho e reprovamos a ociosidade. Nossos livros, nossos sermões, nossos líderes, incluindo particularmente nosso atual presidente, têm glorificado o trabalho árduo. A colméia ativa da abelha — Deseret — tem sido nosso emblema. Trabalhar com fé é um ponto fundamental de nossa doutrina teológica e vemos nossa condição futura — nosso céu — em termos de progresso eterno pelo labor constante." (General Conference, outubro de 1936.)

A AUTOCONFIANÇA é um produto de nosso trabalho e abrange todas as outras práticas de bem-estar. É um elemento essencial para o nosso bem-estar, tanto espiritual quanto temporal. Com relação a esse princípio, o Presidente Romney disse: "Vamos trabalhar por aquilo de que necessitamos. Vamos ser autoconfiantes e independentes. A salvação não pode ser obtida por nenhum outro princípio. A salvação é um assunto pessoal, e precisamos realizar nossa própria salvação, tanto nas coisas temporais quanto nas espirituais." (In Welfare Services Meeting Report, 2 de outubro de 1976, p. 13.)

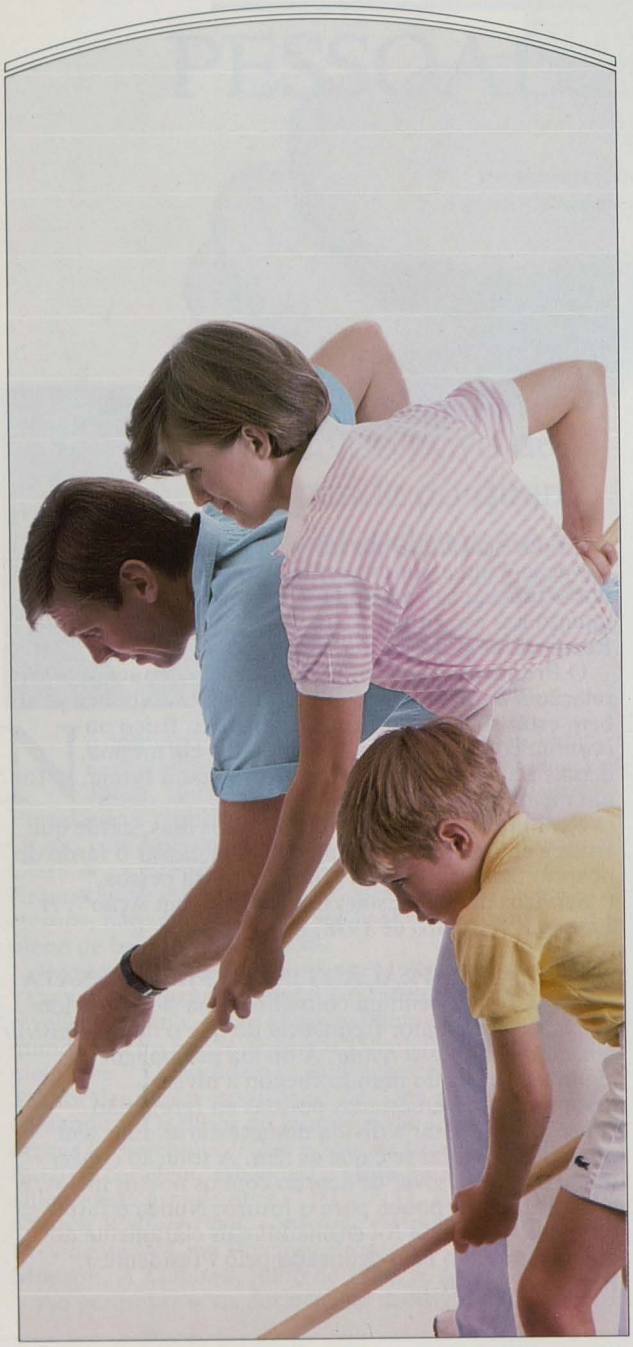
O Presidente Spencer W. Kimball ensinou ainda em relação à autoconfiança que "A responsabilidade pelo bem-estar social, emocional, espiritual, físico ou econômico da pessoa cabe primeiro a ela mesma, depois à sua família, e em terceiro lugar à Igreja, se for um membro fiel.

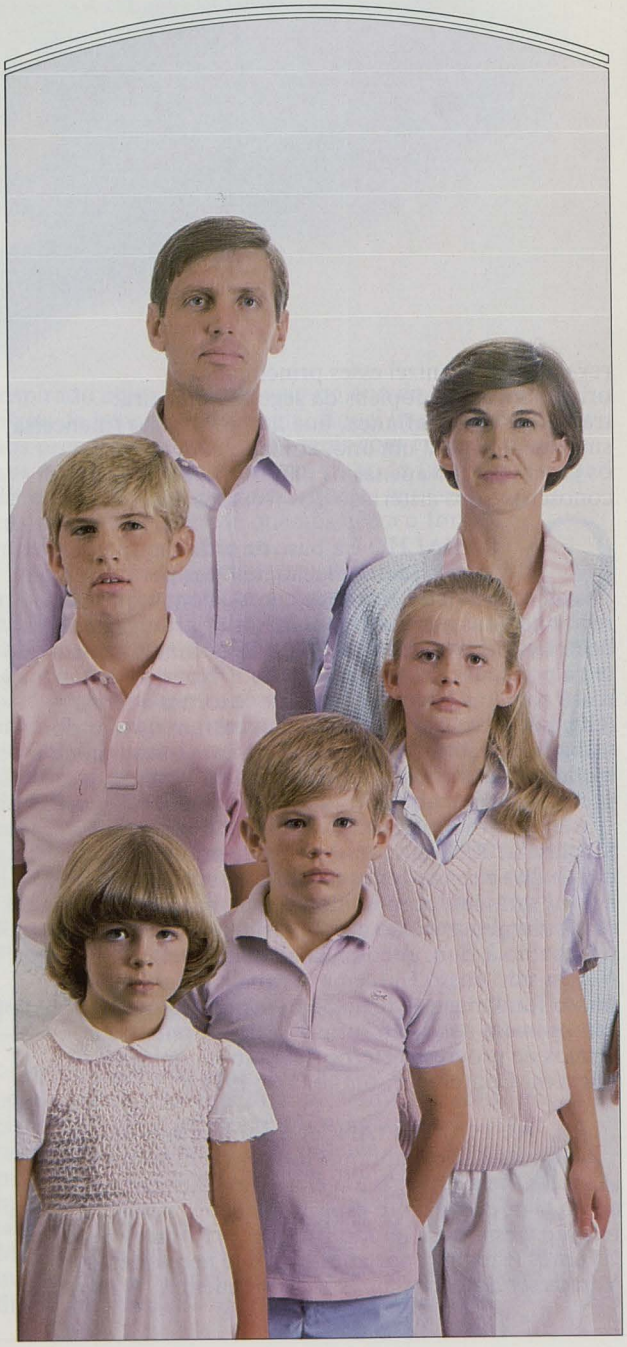
Nenhum legítimo santo dos últimos dias, desde que física e emocionalmente capaz, há de passar o fardo do próprio bem-estar ou da família a outra pessoa." ("Serviços de Bem-Estar: o Evangelho em Ação", *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 104.)

A ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA SENSATA. Talvez nenhum conselho tenha sido repetido com maior freqüência do que o de *administrar sensatamente nossa renda*. A dívida pessoal em algumas nações do mundo chegou a níveis assombrosos. Demasiadas pessoas na Igreja não conseguiram evitar a dívida desnecessária. Elas têm poucas economias se é que as têm. A solução é fazer um orçamento, viver de acordo com os nossos meios, e economizar um pouco para o futuro. Nunca o fardo opressivo da dívida foi ensinado mais claramente do que no conselho bem delineado pelo Presidente J. Reuben Clark Jr.:

"É regra financeira e econômica em todo o mundo, que sejam pagos juros sobre o dinheiro emprestado. Quero falar-lhes algo sobre juros.

O juro jamais dorme, adoece ou morre; nunca vai para o hospital; trabalha aos domingos e feriados; jamais tira férias; nunca faz visitas ou viaja; não se diverte; nunca é dispensado do trabalho, nem despedido; sua jornada de trabalho é longa; suas colheitas jamais são fracas, e não sofre secas; nunca paga impostos; não compra comida; não usa roupas; mora ao relento, sem lar, e assim não necessita de reparos, substituições, coberturas, encanamentos, pintura ou lavagem; não tem esposa, filhos, pai, mãe, nem parceiro pelos quais zelar; não tem qualquer despesa; não tem casamentos, nascimentos nem mortes; não tem amor, nem simpatia; é tão duro e sem alma quanto uma pedra de granito. Ao assumir uma dívida, o juro torna-se seu companheiro dia e noite; você não pode libertar-se ou escapar dele, que permanece indiferente a súplicas, solicitações ou

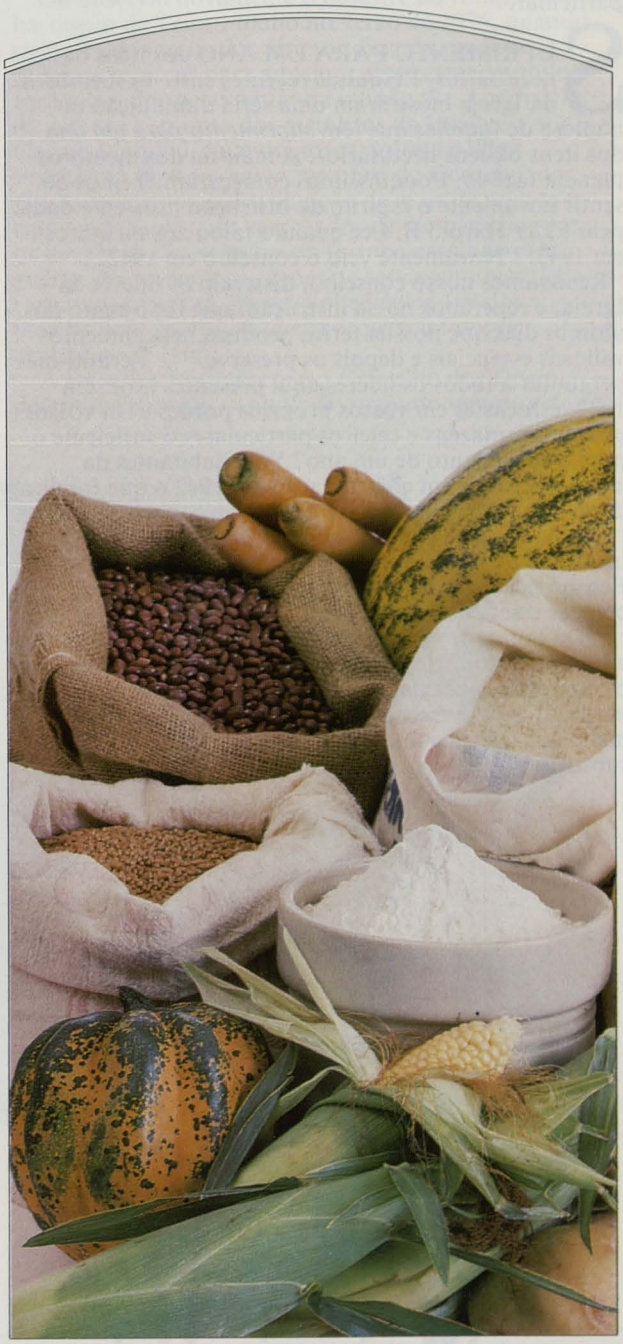




ordens; e se você cruzar o seu caminho, ou falhar em atender às suas solicitações, ele o esmagará." (In Conference Report, abril de 1938, p. 103.)

Há um outro aspecto da administração financeira sensata, e diz respeito a fazermos um orçamento e oferecermos ao Senhor uma oferta de jejum para abençoar aqueles que têm necessidade. Temos de aplicar esse princípio alegre e gratamente, se quisermos aperfeiçoar-nos.

Lembro-me, quando era um jovem bispo, de receber um chamado de um hospital, tarde da noite, para informar-me que uma viúva de minha ala havia morrido. Fui ao hospital, e depois obtive a chave de seu apartamento. Havia sido deixado um recado, dizendo que era esse o procedimento que eu deveria seguir. Quando entrei em seu humilde apartamento no subsolo, acendi a luz e dirigi-me à mesinha que estava na pequena sala de estar. Lá na mesa, havia duas garrafinhas com um bilhete debaixo delas. As garrafas estavam cheias de moedas. Essa doce viúva pequenina,



Kathleen McKee, sem parentes vivos, havia escrito este bilhete: "Bispo, aqui está minha oferta de jejum. Fui justa com o Senhor." Acho que simplesmente precisamos perguntar uns aos outros: fomos justos com o Senhor? Lembrem-se do princípio do verdadeiro jejum. Porventura não é repartir o pão com o faminto, e recolher em casa o pobre e desterrado, e vestir o nu, e não nos escondermos de nossa própria carne? Uma oferta de jejum honesta, uma oferta de jejum generosa, com certeza será uma indicação para nosso Pai Celestial de que conhecemos e praticamos essa lei em particular.

SUPRIMENTO PARA UM ANO dos itens básicos necessários. Pesquisas recentes entre os membros da Igreja mostraram uma séria diminuição no número de famílias que têm *suprimento para um ano* dos itens básicos necessários. A maioria dos membros planeja fazê-lo. Pouquíssimos começaram. Temos de sentir novamente o espírito da instrução insistente dada pelo Élder Harold B. Lee quando falou aos membros em 1943: "Novamente veio o conselho em 1942... "Renovamos nosso conselho, disseram os líderes da Igreja, e repetimos nossa instrução: que todo santo dos últimos dias que possua terra, produza nela alimentos valiosos essenciais e depois os preserve."... Permiti-me perguntar a todos os líderes aqui presentes hoje: em 1937, estocastes em vossos próprios porões e em vossos próprios armazéns e celeiros particulares o suficiente para o suprimento de um ano? Vós, habitantes da cidade, levastes em consideração em 1942 o que foi dito deste púlpito?" (In General Conference, abril de 1943.)

Apoiando esse chamado direto vem o apelo inspirado de nosso profeta vivo, Presidente Ezra Taft Benson pelo qual ele deu sugestões específicas para colocar esses ensinamentos em ação:

"Do ponto de vista de produção, armazenamento e administração, e de acordo com o conselho do Senhor, o trigo deve gozar da maior prioridade... A água, naturalmente, é essencial. Outros alimentos, como o mel ou açúcar, legumes, produtos derivados do leite ou substitutos, e sal ou equivalente, podem ser incluídos.

A revelação para produzir e armazenar alimentos pode ser, atualmente, tão essencial para nosso bem-estar temporal, quanto o foi entrar na arca para o povo nos dias de Noé." ("Preparai-vos para os Dias de Tribulação", *A Liahona*, março de 1981, p. 46.)

Como tem sido dito com muita freqüência, o melhor sistema de armazenamento que a Igreja poderia aconselhar é que cada família armazene o suprimento para um ano de alimentos e roupas necessários, e, onde for possível, dos outros itens necessários à vida.

CUIDADO DE NOSSOS FAMILIARES, INCLUSIVE PARENTES UM POUCO MAIS DISTANTES.

Na Igreja primitiva, Paulo escreveu a Timóteo: "Se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Timóteo 5:8.)

É nosso dever sagrado *cuidar de nossas famílias, inclusive dos parentes um pouco mais distantes*. Com muita freqüência, vemos o que poderíamos chamar de negligência em relação aos pais. Com muita freqüência, as necessidades básicas emocionais, sociais, e, em alguns casos, até mesmo as materiais, dos pais mais idosos não são atendidas pelos filhos. Isso é desagradável ao Senhor. É difícil entender como uma mãe pode cuidar de sete filhos com maior facilidade com que sete filhos podem cuidar de uma mãe. O Presidente J. Reuben Clark Jr. deu uma orientação clara a respeito desse assunto: "A principal responsabilidade pelo sustento da pessoa idosa cabe à sua família, não à sociedade... A família que se recusa a manter os seus, não está cumprindo seu dever." (General Conference, abril de 1938.)

O Presidente Stephen L. Richards fez um apelo inspirado, quando reavivou nos membros estes sentimentos: "Como podem os filhos e filhas que devem tudo o que possuem — sua educação, seus ideais de vida, sua capacidade de prover seu próprio sustento e seu caráter — a pais que trabalharam, sacrificaram-se, oraram, choraram e se empenharam por eles até a exaustão de seus corpos e de sua energia, concordar com um esquema que faria de seus pais e mães o objeto de organizações públicas que ajudam os pobres e colocam a carga de seu sustento sobre a comunidade e os estigmatizam com a perda da independência e do amor próprio...

Acho que a comida me faria engasgar, se soubesse que, enquanto eu podia obter meu pão, meu pai ou mãe ou parentes próximos idosos estavam vivendo da assistência pública ou do governo." (General Conference, outubro de 1944.)

USAR OS RECURSOS DA IGREJA SENSATAMENTE.

O armazém do Senhor inclui tempo, talentos, habilidades, solidariedade, recursos materiais e financeiros de membros fiéis da Igreja. Os recursos estão à disposição do bispo para a ajuda aos necessitados. Nossos bispos têm a responsabilidade de aprender como usar os recursos adequadamente.

Permiti-me sugerir cinco princípios básicos: Primeiro, os bispos devem buscar os pobres como o Senhor ordenou e administrar suas necessidades. Não suponhais que outra pessoa fará isso. É um dever de sacerdócio do bispo. Ele pode chamar membros para ajudar, mas a responsabilidade é sua.

Segundo, os bispos devem analisar muito bem as circunstâncias encontradas em cada ajuda relativa a bem-estar que se fizer necessária. Ele sensatamente chama sua presidente da Sociedade de Socorro para ajudar na avaliação. Ele busca discernimento, um julgamento justo, equilíbrio, e solidariedade. Os recursos da Igreja representam uma responsabilidade sagrada que se torna ainda mais sagrada, quando o bispo aplica adequadamente esses recursos para abençoar a vida de outras pessoas.

Terceiro, aqueles que recebem ajuda do plano de bem-estar, devem trabalhar de acordo com sua capacidade por aquilo que receberam. Há muitas maneiras criativas pelas quais os líderes podem oferecer oportunidades de trabalho. Com a ajuda dos comitês de serviços de bem-estar, os bispos deverão oferecer o trabalho que intensifique os esforços da pessoa que recebeu ajuda para chegar a confiar em si mesma.

Quarto, a ajuda prestada pelo bispo é temporária e parcial. Lembrem-se, a ajuda da Igreja se destina a ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. A reabilitação dos membros é de responsabilidade do indivíduo e da família, ajudados pelo quorum do sacerdócio e pela Sociedade de Socorro. Estamos tentando desenvolver a independência não a dependência. O bispo busca promover a integridade, o amor próprio, a dignidade, e a integridade de caráter em cada pessoa que é ajudada, levando à completa auto-suficiência.

Quinto, ajudamos com bens de consumo básicos necessários à vida e com serviços, não com a manutenção dos padrões de vida atuais. Os indivíduos e as famílias talvez precisem alterar seus padrões de vida ao fazerem tudo o que puderem para atender a suas próprias necessidades. Um donativo da Igreja seria pior que um donativo do governo porque falharia, apesar de ter maior conhecimento. A Igreja tem por hábito retratar metas mais nobres, um potencial mais glorioso.

Ajuda em Épocas de Crise

O cumprimento fiel desses revelados princípios e práticas relativos a serviços de bem-estar preservaram vidas em épocas de crise. Um exemplo disso é encontrado na resposta dos membros da Igreja ao terremoto de 1985 que devastou uma parte da Cidade do México. Os membros e líderes da Igreja mostraram-se à altura da situação, tirando de suas próprias reservas, conseguidas com esforço, os recursos para ajudar a si próprios e outras pessoas à sua volta.

Ou observai novamente o desastre do rompimento da barragem de Teton, Idaho no verão de 1976, quando milhares de santos dos últimos dias deram de suas próprias reservas para aqueles cujos pertences todos foram levados pelas águas da inundação. Lembrai-vos do esforço conjunto dos membros da Igreja após a II Guerra Mundial, quando nosso profeta e líder, Presidente Benson, então membro do Conselho dos Doze, coordenou a distribuição de mais de setenta e cinco vagões de trem carregados de mercadorias para os membros necessitados da Europa assolada pela guerra. Essas demonstrações de serviço humanitário se tornaram possíveis graças à obediência fiel dos membros da Igreja aos mesmos princípios que acabamos de rever.

A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze determinaram que, a partir do segundo semestre deste

ano, a sessão de sabado à noite da conferência da estaca, reunindo todos os membros adultos, seja dedicada ao ensino dessas doutrinas e princípios. Nosso progresso nesta grande obra depende de uma compreensão mais profunda e de uma aplicação mais completa dos princípios de bem-estar revelados divinamente. Temos confiança em que, sob a orientação do Espírito, poderemos todos chegar a uma unidade de fé e à altura da plenitude de Cristo nestes princípios eternos vitais de bem-estar.

Desejamos ser discípulos do Senhor Jesus Cristo. Que possamos estar preparados como indivíduos e como famílias, que possamos ensinar, que possamos elevar, que possamos construir, que possamos motivar, que possamos ser inspirados quando procuramos viver nossa vida em conformidade com estes princípios do evangelho. Presto testemunho de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo, e de que o programa que chamamos de plano de bem-estar da Igreja veio de Deus e destina-se à bênção e exaltação de seu povo. □

S ♡ E ♡ R ♡ V ♡ I ♡ Ç ♡ O

O CERNE DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Objetivo: Entender que ser membro da Sociedade de Socorro proporciona a uma mulher oportunidades de "agir de acordo com os sentimentos que Deus plantou em seu coração". (Doutrina e Convênios e História da Igreja, Suplemento do Professor de Doutrina do Evangelho, pp. 52-53.)

O Senhor Jesus Cristo disse: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei a vós." (João 13:34.) Um dos grandes propósitos da Sociedade de Socorro é proporcionar às mulheres oportunidades de amar e abençoar umas às outras. Em nome da Sociedade de Socorro, as irmãs visitam os doentes, prestam serviço, confortam os aflitos, e ajudam umas às outras a se tornarem mais semelhantes ao Salvador. Numa das primeiras reuniões da Sociedade de Socorro, Joseph Smith enfatizou a instrução do Salvador:

"Fareis o trabalho que me vistes fazer."

Ilustrado por Ron Wilkinson

O EXEMPLO DE MARY PRATT

Mary Stark Pratt era a esposa do Élder Rey L. Pratt, membro do Primeiro Conselho dos Setenta e presidente da Missão Mexicana durante as primeiras décadas deste século. Essa notável mulher era mãe de treze filhos e, além das responsabilidades com sua família e com a missão, serviu como presidente da Sociedade de Socorro da missão. Foi um exemplo notável das maneiras pelas quais a Sociedade de Socorro permite que as mulheres sirvam e abençoem outras pessoas.

Mary dava aulas de economia doméstica nas quais ensinava as irmãs menos habilidosas como limpar a casa rapidamente, técnicas de remendo e cerzidura, e idéias de costura para que elas pudessem transformar seu lar em lugares dos quais pudessem orgulhar-se. Mas ela percebeu que a maior necessidade de qualquer pessoa é ter um sentimento de amor-próprio. Incentivou as irmãs a se tornarem habilidosas na arte nativa do bordado mexicano e a fazerem roupas e artigos bordados para casa. As pessoas vinham tão entusiasmadas de toda a cidade para comprar os artigos bordados, que as irmãs passaram a se orgulhar muito de seu trabalho e redobraram seus esforços para aperfeiçoar suas habilidades.

Mary também irradiava amor e preocupação pelas pessoas que a rodeavam, prestando serviço espontâneo sem esperar pela designação para fazê-lo. Muitos missionários tímidos e inseguros, longe do lar, encontraram em Mary um coração encorajador e compreensivo que lhes dava a certeza de seu grande valor e os ajudava a desenvolver seu potencial como emissários de Deus.

"Algumas das necessidades com que nos deparamos podem ser diferentes das dos primeiros santos, mas o espírito de trabalho é o mesmo", diz Barbara Winder, presidente geral da Sociedade de Socorro. "Muitas podem fazer visitas, mas devido aos convênios que fizemos como membros da Igreja do Senhor de tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo e de carregarmos mutuamente o peso de nossas cargas (ver D&C 20:77; Mosiah 18:8-10), vamos em seu nome. E somos abençoadas para dizer e fazer as coisas que, de outra forma, não saberíamos dizer e fazer."

A Sociedade de Socorro verdadeiramente nos abençoa com uma perspectiva mais ampla de serviço, colocando-nos em posição de amar e servir "de acordo com os sentimentos que Deus plantou em (nosso) coração."

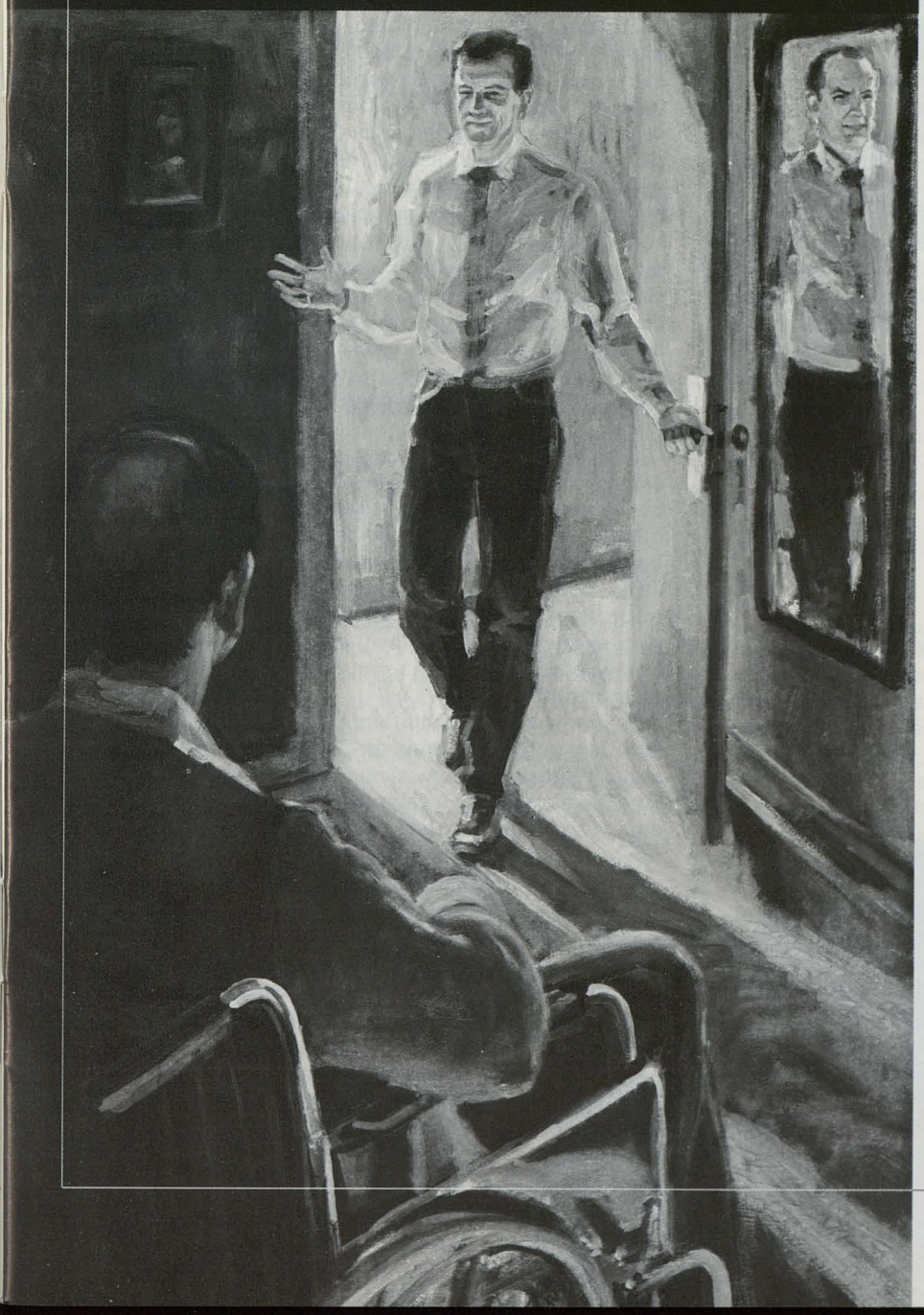
Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Debata as oportunidades de serviço que a irmã tem tido em nome da Sociedade de Socorro — como o trabalho de professora visitante, um chamado na Sociedade de Socorro, ou serviço de solidariedade. Como essas oportunidades a abençoaram e também a vida de outras pessoas?

2. Debata como as aulas da Sociedade de Socorro ou a companhia de outras irmãs fortaleceram a irmã, de modo que ela esteja melhor preparada para servir aqueles que a rodeiam.

MEU MESTRE FAMILIAR, MEU AMIGO

William Wanet Miller



Convalescendo após uma cirurgia nos rins, e abandonado por aqueles que me eram mais caros, eu estava totalmente desanimado. A vida havia-se tornado intolerável — sem esperanças. Eu estava doente, paralisado do pescoço para baixo, e espiritualmente despedaçado. Não havia nada nem ninguém a quem eu pudesse recorrer. Ou assim me parecia.

Inativo havia dez anos, não tinha nenhuma ligação formal com a Igreja, a não ser por um mestre familiar de fala mansa e despretensioso, Brad K. Robison. Eu conhecia Brad havia mais ou menos dois anos e chegara a considerá-lo gentil e atencioso. Mas foi só quando ele entrou em meu quarto de hospital, nesta fase, a pior de minha vida, que percebi o que ele representava e que a esperança e a promessa que ele trazia consigo poderia dar mais significado à minha vida.

A primeira vez em que falara com Brad, havia dois anos, fora por telefone. Um bom amigo pedira a alguém da Igreja que me

visitasse, e assim Brad foi designado para ser meu mestre familiar. Sem saber nada a meu respeito, Brad perguntou: "Por que não o vi na Igreja?"

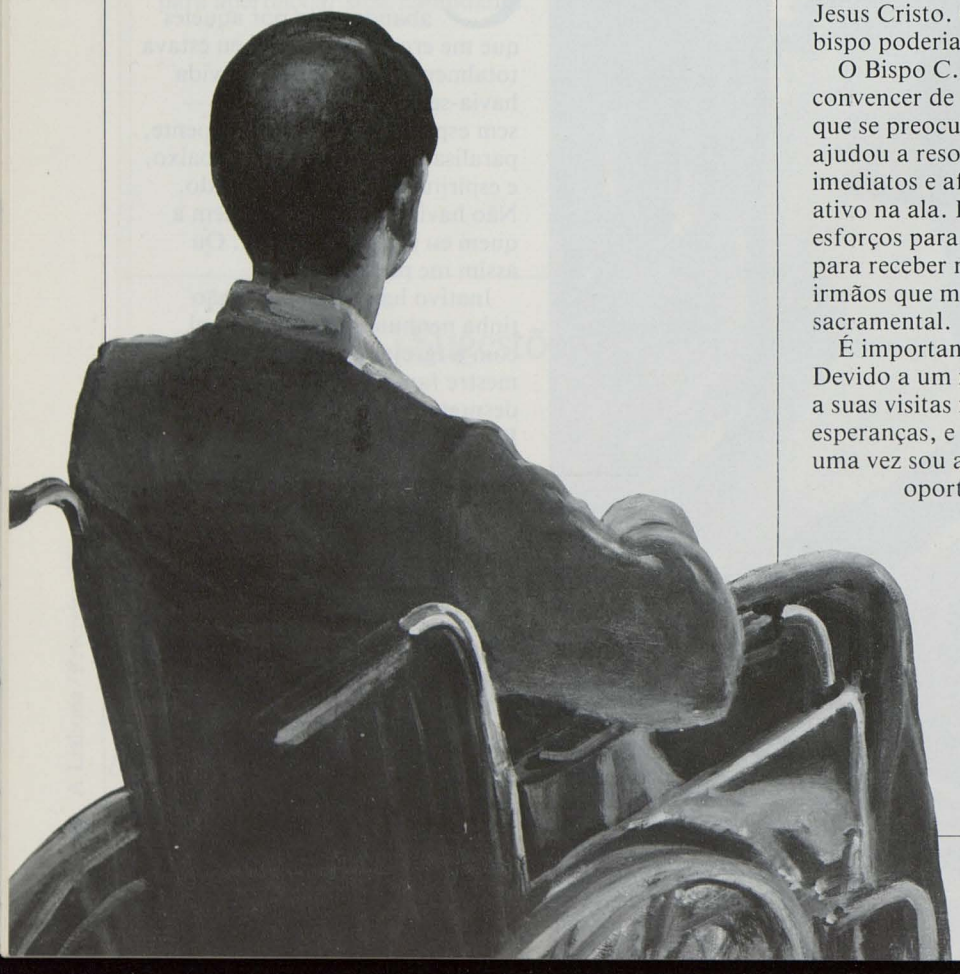
Cinicamente, respondi: "Minhas pernas parecem não poder levar-me lá no domingo."

"Sim, sim", replicou ele. "Em alguns domingos tive o mesmo problema." Dando um risinho, ele então me perguntou se podia visitar-me. Concordei, sem lhe dizer que era paraplégico.

Quando entrou em minha casa e percebeu minhas condições, Brad voltou-se para mim com tristeza e depois começou a rir. Foi contagioso. Começamos a falar e descobrimos que tínhamos muito em comum, inclusive o desejo de praticar a medicina — uma meta que eu havia sido impedido de alcançar devido ao acidente de carro que sofrera e que resultara em paralisia.

Depois de uma conversa agradável, Brad perguntou se poderia voltar. Pensando que jamais o veria novamente, respondi: "Claro!"

Para minha surpresa, mês após mês, Brad voltou. Mesmo quando minhas únicas palavras eram "Vá embora!", ele nunca deixou que meu mau humor ou amargura o dissuadissem. Ele sempre voltava, apenas para conversar e perguntar se havia alguma coisa que pudesse fazer. Nem uma só vez, em todas essas visitas como mestre familiar, ele falou sobre a Igreja, Deus, ou sobre algum assunto relacionado à religião. Paciente, perspicaz, ou apenas educado — não sei ao certo o quê — Brad parecia perceber que minha dor e sofrimento não me permitiriam, naquela ocasião, aceitar a idéia de um Deus amoroso. Brad tornou-se um amigo numa época em que os amigos eram raros e pouco apareciam.



Com o tempo, nossa amizade cresceu. Quanto mais o conhecia, mais tinha certeza de que seus traços me faziam lembrar alguém em meu passado — sua plácida paz interior; sua compreensão de quem ele era e para onde estava indo; sua honestidade e despretensão. Mas não conseguia me lembrar de quem.

E assim tudo continuou até que Brad, meu diligente mestre familiar transformado em amigo, com cuidado entrou em meu quarto de hospital naquele dia. Mais uma vez, como quando decidira filiar-me à Igreja, a veracidade do evangelho e seu testemunho inundou meu ser e se tornou inegável. Meu coração encheu-se de paz. Minha autopiedade e amargura diminuíram, e o sentimento de abandono desapareceu. Sabia que as coisas iriam dar certo. Repentinamente, o que antes me parecera estranhamente familiar em relação a Brad, agora não mais me intrigava. Ele era um reflexo de mim mesmo, quando eu era ativo na Igreja e armado com o sacerdócio, com o Espírito Santo, e com o conhecimento da veracidade do Evangelho de Jesus Cristo. Com esperança renovada, perguntei se o bispo poderia visitar-me.

O Bispo C. Lynn Mahoney veio e acabou de me convencer de que ainda havia pessoas boas — pessoas que se preocupavam com os outros. Amavelmente me ajudou a resolver meus problemas temporais imediatos e afetuosamente me convidou a tornar-me ativo na ala. Desde esse tempo ele tem apoiado meus esforços para ser ativo, acompanhando-me ao templo para receber meu endowment e pedindo a vários dos irmãos que me ajudem nas reuniões do sacerdócio e sacramental.

É importante o ensino familiar? Eu sei que é. Devido a um mestre familiar dedicado e persistente e a suas visitas numa época em que a vida parecia sem esperanças, e que não valia mais a pena viver, mais uma vez sou ativo na Igreja e tenho uma segunda oportunidade de viver de acordo com os ensinamentos de Cristo. Meu mestre familiar me ajudou a ver que o evangelho oferecia esperança — não apenas de salvação, mas também de felicidade aqui e agora. □

William Wanet Miller serve como secretário executivo do quorum de élderes na Ala University, Estaca Oakland Califórnia.

Primeiro Prêmio no Concurso de Artigos Europeus

ANNA-LIISA RINNE:

ENCONTRAR A VIDA POR MEIO DO SERVIÇO

Marja-Leena Kiviniemi

Ilustrado por Ron Peterson

Uma pediatra divorciada e mãe de quatro filhos devota sua vida ao serviço missionário.

Dois missionários que batiam de porta em porta em Helsinki, Finlândia, na primavera de 1960, encontraram uma mulher irritada quando bateram em determinada porta. Ela lhes disse que, se estivessem lá para falar sobre uma igreja, não queria nada que se relacionasse com o assunto. Um dos missionários colocou o pé na porta para acabar de explicar que eles representavam A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Para surpresa dos missionários, assim que a mulher ouviu o nome da Igreja, abriu a porta e os convidou a entrar. Desse modo começou a conversão que tem tocado a vida de muitas pessoas em muitos países.

A mulher era Anna-Liisa Rinne, uma pediatra. Era divorciada, e criava sozinha seus quatro filhos. "Quando os missionários mencionaram o nome da Igreja", recorda ela agora, "eu de repente me lembrei de ter lido um artigo de jornal em 1946, quando o Élder Ezra Taft Benson estava visitando a Finlândia para dedicar este país à obra missionária. Lembrei-me do nome longo e peculiar da Igreja em finlandês. Pensara naquela ocasião que, se houvesse uma igreja verdadeira no mundo, teria de ser aquela."

Uma Médica com Fé Igual à de uma Criança

Os missionários ensinaram-lhe a respeito do Livro de Mórmon. Anna-Liisa Rinne acreditou. Na realidade, diz ela, "acreditei de uma forma tão infantil, que no dia seguinte perguntei a meus colegas no trabalho se eles haviam ouvido que a origem dos índios americanos tinha sido descoberta". Quando lhes falou sobre o Livro de Mórmon, eles todos riram dela. "Pela primeira vez, notei que algo de excepcional estava acontecendo comigo", relembra ela.

A mensagem do evangelho lhe parecia familiar, e ela continuou a receber os missionários, quando se mudou de Helsinki para Kuopio. Mas, quando os missionários lhe disseram que tencionavam batizá-la, ela lhes pediu que parassem de vir. "Eu tinha medo da opinião das pessoas", explica ela. "Em meio a meus colegas de profissão, pertencer a um grupo religioso não era considerado aceitável. Eu não queria ser diferente."

Mas o assunto continuou a incomodá-la até que, finalmente, compareceu a uma reunião da Igreja. Logo os missionários a estavam visitando novamente. "Quando parei de tomar café, recebi um testemunho. Sabia que a Igreja era verdadeira, e tinha que me filiar a ela."

Três de seus quatro filhos filiaram-se à Igreja com ela, e todos eles ainda são santos dos últimos dias ativos. "Quando comecei a ser ensinada, as crianças riam atrás da porta. Depois que recebi meu próprio testemunho do evangelho, fiz com que prometessem

que ouviriam uma palestra. Disse aos missionários que seria melhor que eles a apresentassem bem, porque as crianças tinham prometido ouvir apenas essa. Os élderes prepararam uma ótima apresentação com o flanelógrafo, depois da qual as crianças prometeram que também se filiariam à Igreja. É verdade, no entanto, que o filho mais novo, Eikki, disse mais tarde que a razão pela qual ele se filiou à Igreja foi que sua mãe mandou'', diz rindo a Irmã Rinne.

A filha da Irmã Rinne, Kaarina Merenluoto, recorda que a filiação à Igreja mudou muito a vida familiar deles. ''Mamãe parecia mais próxima a nós; falávamos mais uns com os outros. Ela até mesmo parecia um tanto mais jovem. Convidados começaram a nos visitar, enquanto antes levávamos uma vida relativamente isolada. Com freqüência o ramo todo se reunia em nossa casa, pois tínhamos um apartamento grande, e fizemos muitos amigos. As discussões entre nós, irmãos e irmãs, diminuíram. É difícil explicar o que aconteceu, mas todo o ambiente do lar mudou.''

Ajudar a Construir uma Capela

No Ramo de Kuopio, Anna-Liisa Rinne logo se tornou uma figura central. Ela era a presidente da Sociedade de Socorro, enquanto o ramo estava construindo uma capela, e também serviu como intérprete e mensageira para o supervisor de construção. ''Naquela época, eu era a única no ramo que tinha carteira de motorista'', explica ela. ''Portanto, tive de cuidar de tudo junto aos fornecedores de materiais. Ao mesmo tempo, tinha de supervisionar a preparação de lanches para os trabalhadores da construção.'' Durante um certo tempo, a pediatra do hospital ficou ''de plantão'' no local da construção da igreja.

A Irmã Anna-Kaarina Roto, antigo membro do Ramo de Kuopio, agora já médica também, recorda esses tempos. ''À medida que a capela estava sendo

construída, ela fez todo tipo de trabalho e subiu nos mais altos andaimes. Mais tarde, depois que a capela estava pronta, os membros se revezavam para limpá-la. Vendo como a irmã varria o chão conscienciosamente quando era a sua vez, ninguém ousava queixar-se quando chegava a sua.''

Como líder das Moças durante anos, Anna-Liisa Rinne teve uma influência duradoura na vida de muitas garotas. Uma dessas jovens, Raili Jouttenus, agora esposa do bispo da ala de Tampere, recorda: "A Irmã Rinne era uma professora legendária. Lembro-me de muitos de seus discursos e ensinamentos nitidamente, mesmo agora, depois de vinte anos. Ela realmente se preocupava conosco, os jovens. As portas de sua casa estavam sempre abertas, e ela sempre arranjava tempo para ouvir nossas perguntas, que às vezes eram um tanto tolas. Ao lidar com os jovens, ela seguia o conceito de Joseph Smith: ensine-lhes princípios corretos e eles governarão a si mesmos. Ela nunca nos forçou a fazer nada; antes, era terna e incentivadora. Ela acreditava na juventude, mas nunca comprometeu seus princípios corretos. Se alguma coisa estava errada, ela o dizia claramente."

A Irmã Rinne também se lembra com alegria de seu trabalho com as Moças. "Muitas daquelas jovens eram os únicos membros da Igreja em suas famílias e escolas, e possuíam uma forte fé e testemunho. Começamos a organizar excursões ao templo para os jovens em Kuopio, e as experiências espirituais que tivemos nessas viagens foram as melhores recompensas daqueles anos."

Servir em Muitas Missões

A obra missionária tem sido uma parte importante da vida da Irmã Rinne de muitas maneiras, embora ela de início não esperasse que fosse assim. "Quando voltei para casa após o serviço batismal, pensei: "Bem, fiz o que era certo filiando-me à igreja, mas nunca vou dizer a ninguém." Mas quando chegamos

em casa, Heikki trocou de roupa e correu para contar a todos os vizinhos que nós éramos mórmons agora'', recorda, sorrindo, a Irmã Rinne.

A Irmã Rinne recebeu suas primeiras designações relativas à obra missionária depois que se mudou para Jyväskylä, onde serviu duas vezes como missionária de distrito. ''Naquela época, houve tantos batismos em Jyväskylä, que se podia ouvir o barulho da água'', recorda ela. ''O Senhor simplesmente nos mandou as pessoas que estavam preparadas para ouvir o evangelho.''

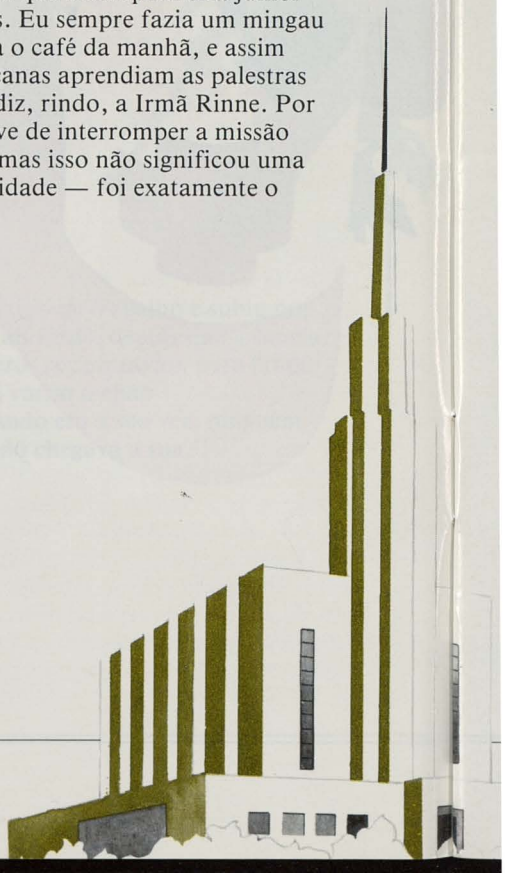
Uma das companheiras de Anna-Liisa como missionária de distrito foi a Irmã Kerttu Harinen, que tem boas recordações daquela época. ''Sister Rinne foi minha primeira companheira na obra missionária. Eu mesma ainda era um pouco tímida. Cresci ao lado dela e ganhei coragem suficiente para servir como missionária de distrito durante muitos anos depois disso. Nosso primeiro pesquisador foi batizado antes de completarmos um mês como companheiras. Pedimos para treinar nossas palestras missionárias com uma família cujo pai não pertencia à Igreja. E aconteceu que, como resultado de nosso ''treinamento'' o pai da família foi batizado.''

Em 1974, Anna-Liisa Rinne aposentou-se de seu trabalho como médica. Em janeiro de 1975, partiu para uma missão de saúde de dezoito meses em Samoa. ''Até aquele ponto de minha vida, eu imaginara ser uma pessoa de uma certa importância. Mas uma missionária está num dos degraus mais baixos da escala social, algo assim como um soldado raso no exército'', explica ela. Descobrir seu próprio senso de valor foi uma importante lição daquela experiência.

Mesmo antes de partir de Samoa, a Irmã Rinne recebeu um novo chamado missionário para Tonga. Uma experiência importante lá foi chegar a conhecer seu presidente de missão, Tonga Toutai Paletu'a, agora presidente do templo. ''Ele era um homem que realizava um ou dois milagres todos os dias. Sua fé absoluta e atitude positiva eram um grande exemplo para todos'', recorda Anna-Liisa Rinne.

Durante o tempo que passou como missionária na área do Pacífico a Irmã Rinne obteve muitos testemunhos miraculosos da proximidade do Pai Celestial. Quando chegou em Tonga, mal conhecendo a língua foi enviada para falar num certo vilarejo. Em seu bolso havia um discurso de dez minutos escrito num papel. Mas quando ela chegou, descobriu que deveria ser a única oradora numa reunião de uma hora de duração. ''Fiquei horrorizada frente a essa designação. Lá estava eu sentada, com medo, quando ouvi claramente as palavras: ''Mas, eu estou aqui.'' Todo o medo desapareceu, e eu falei durante toda uma hora.''

Em 1978, Anna-Liisa Rinne voltou para seu lar na Finlândia, mas só para receber um outro chamado missionário. Em 1979, partiu para a Escócia, como missionária de proselitismo. ''Eu só tinha companheiras jovens, e as treinava. Tínhamos uma regra segundo a qual a companheira sênior tinha de preparar o desjejum até que a companheira júnior aprendesse as palestras. Eu sempre fazia um mingau de aveia finlandês para o café da manhã, e assim aquelas garotas americanas aprendiam as palestras muito rapidamente'', diz, rindo, a Irmã Rinne. Por razões de saúde, ela teve de interromper a missão depois de onze meses, mas isso não significou uma diminuição de sua atividade — foi exatamente o oposto.



Depois de servir duas vezes como oficiante voluntária no Templo da Suíça, recebeu um chamado em 1982, para uma missão no templo. "É valioso para mim trabalhar com pessoas mais velhas, que tiveram uma longa experiência na vida e tentar todos os dias ser pura de coração." Depois foi chamada como conselheira da superintendente do templo. "Após completar minha missão, ainda voltei a trabalhar no templo, e provavelmente teria ficado quem sabe por quanto tempo, se não fosse difícil cuidar de minha saúde lá", diz a Irmã Rinne.

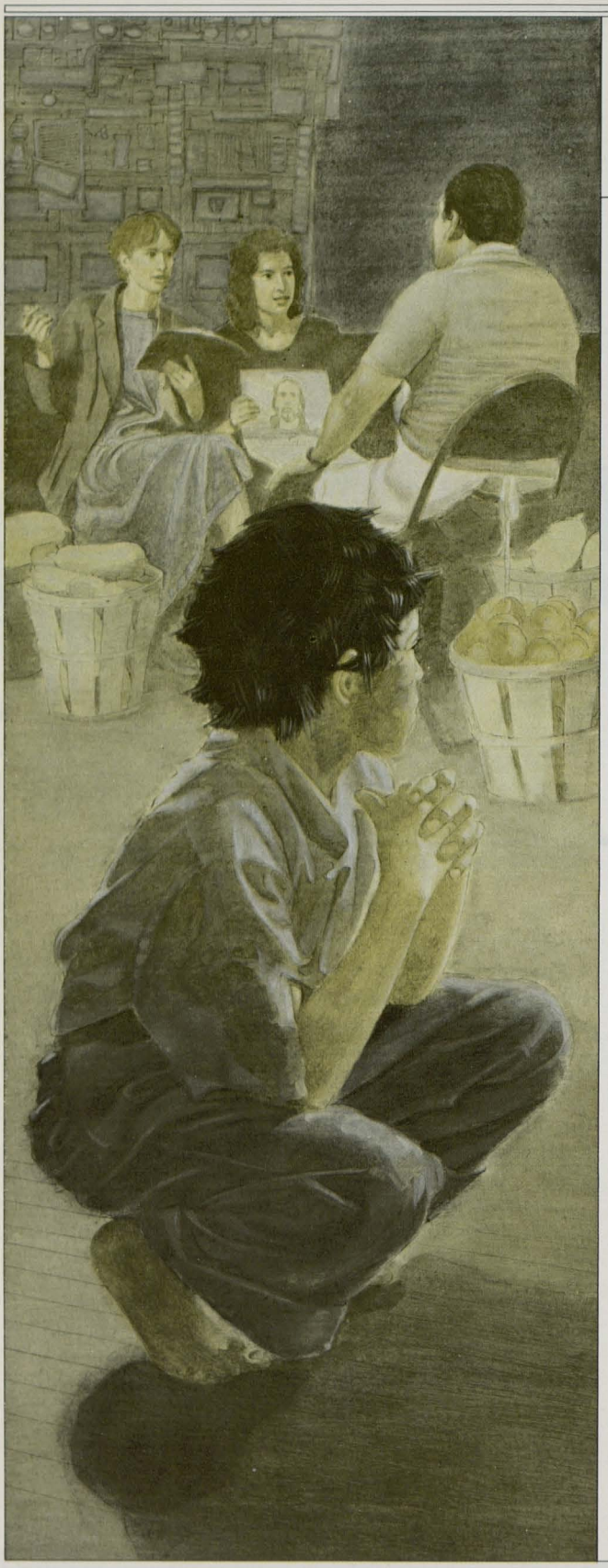
Depois de voltar da Suíça para a Finlândia, Anna-Liisa Rinne envolveu-se numa designação que recebera até mesmo antes de ser chamada para a obra no templo: escrever a história da Igreja na Finlândia. Mas antes que o trabalho estivesse pronto, veio um novo chamado — desta vez para o Templo de Estocolmo.

Se a carreira de trabalho de Anna-Liisa Rinne foi excepcionalmente variada e ampla, seus passatempos favoritos também não foram muito comuns. Essa avó de dezesseis netos gosta de praticar surf, e no último verão, ensinou quase todos os seus netos a praticar esse esporte. Ela também possui um pequeno barco a vela, e passou no exame da guarda costeira, que por fim resultou numa permissão internacional para velejar. As aulas de mergulho e tiros de pistola ainda estão em seus planos.

Fazendo um retrospecto de sua vida até aqui, a Irmã Rinne diz: "Continuamente procurei minha própria identidade em todas as fases de minha vida: quem e o que sou?" Foi o evangelho que deu as respostas para a pergunta da Irmã Rinne. "De certa forma, fui uma pessoa muito sozinha, mas isso me forçou a procurar Cristo como proteção. Tive de depender dele muitas vezes, e sempre recebi sua ajuda", diz ela.

Em troca, Anna-Liisa Rinne tem estado pronta para servir onde quer que o Senhor tenha precisado dela. E, ao fazer isso, ela comprovou as palavras de Cristo: "Quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á." □

Marja-Leena Kiviniemi, mãe de cinco filhos, é jornalista, tradutora, e diretora de comunicações públicas da Estaca Tampere Finlândia.



GUILLE

Era difícil dizer se Guillermo tinha a pele muito escura, ou se era apenas moreno, ou se tinha a pele bronzeada, pois estava coberto de sujeira da cabeça aos pés. Seu cabelo escuro, que caía em tufos emaranhados sobre as orelhas, fora cortado com uma faca em punhados desiguais, bem acima do que outrora fora a gola de sua camisa. Sobrara pouca coisa mais da camisa além de uns poucos botões que seguravam trapos sobre o seu peito magro. A camisa esfarrapada estava metida na cintura de umas calças rasgadas, dois ou três números maiores do que deveriam ser, e tudo isso era mantido unido por um pedaço de corda. Não tinha sapatos, nem casaco. Seus olhos negros corriam de um lado para outro de maneira suspeita quando olhava para nós; no entanto, ele permanecia no canto e ouvia enquanto falávamos.

Guillermo. O nome significa "Guilherme" em espanhol. Ele próprio havia escolhido o nome, porque, pelo que sabia, nenhuma outra pessoa lhe dera um nome antes. Guillermo era um *gamin*, termo francês usado para designar um órfão de rua. Algum dia, ainda na tenra infância, seus pais o abandonaram na rua, provavelmente por serem muito pobres para sustentá-lo. Assim, com idade de três ou quatro anos, Guillermo achou-se sozinho, encolhendo-se na soleira das portas para se abrigar durante a noite, cobrindo-se com papelão para afastar o nevoeiro frio da noite. Durante o dia, vasculhava as latas de lixo ou roubava maçãs dos vendedores de rua para comer. Provavelmente a pior parte de tudo isso era que ele tinha muitos competidores para esses poucos luxos, pois muitos, muitos "órfãos de rua" perambulavam pela cidade. Como eles sobrevivem é um mistério, e no entanto eles o fazem — ou muitos o fazem — um testemunho vivo do instinto humano de sobrevivência.

Guillermo acabou sendo um dos mais aquinhoados pela sorte, pois, aos doze anos (segundo sua própria estimativa), estava sob a proteção de um amável comerciante. O homem deixava Guillermo dormir em seu quarto dos fundos e até mesmo lhe pagava um pouco todas as semanas, mais uma refeição diária, para limpar a loja. Guillermo era um bom menino que nunca usava palavras ásperas e jamais traiu a confiança daquele senhor bondoso, roubando-o. Tornou-se o preferido de várias donas-de-casa da vizinhança. Ocasionalmente encontrava umas calças velhas — usadas, mas ainda não rasgadas — ou uma camisa velha para ele na varanda de trás da loja. Ele nunca mais passou fome, nem frio realmente.

Não o notamos, encolhido no canto, ouvindo enquanto ensinávamos o evangelho.

ERMO

Renon Klossner Hulet

Ainda assim, não era como as outras crianças que tinham família e tempo para brincar. E, é claro, nunca foi à escola. O velho era gentil com ele, mas o relacionamento dos dois era sempre o de patrão e empregado. Assim, embora estivesse em melhor situação que a maioria dos *gamines*, Guillermo era só, terrivelmente só.

Quando nós batemos à porta de trás da pequena loja e nos apresentamos àquele senhor como missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Guillermo ficou por perto. E quando nos sentamos com o proprietário da loja para ensinar-lhe o evangelho, Guillermo teve permissão para encolher-se no canto distante e ouvir. Ele nunca fez perguntas nem comentários de qualquer tipo. Apenas ouvia.

O homem gostou de nossa mensagem e nos convidou para voltarmos várias vezes, até que acabamos por dar todas as palestras. Então nos disse que era velho demais para mudar e não seria batizado.

Estávamos decepcionadas naquela noite fria, enquanto andávamos pela rua empoeirada, saindo da loja. De repente, ouvimos o andar macio de pés nus que vinham correndo atrás de nós. Sobressaltadas pelo som, voltamo-nos e vimos Guillermo, muito agitado e alvoroçado.

"Por favor, senhoritas, eu gostaria de ser batizado."

Estávamos aturdidas e não sabíamos o que dizer. Quanto ele havia realmente entendido? Por que queria ser batizado? Dissemos-lhe que nos encontraríamos com ele no dia seguinte e traríamos dois rapazes que lhe fariam algumas perguntas para determinar se ele estava pronto para o batismo.

No dia seguinte, nós quatro, missionários, sentamo-nos em volta do garoto sujo de rua, espantados por ouvi-lo responder corretamente a todas as perguntas. Ele sabia sobre Joseph Smith; entendeu o plano de salvação, o batismo, a Palavra de Sabedoria, os outros mandamentos. Surpreendemo--nos ainda mais, e nos emocionamos ao descobrir que ele havia pedido emprestado o exemplar do Livro de Mórmon daquele homem idoso, e o levara para uma senhora da vizinhança, que lera uma boa parte dele para o menino em menos de duas semanas. Ele disse que sabia que era tudo verdade e queria ser batizado.

Os élderes o testaram ainda mais, insistindo em que freqüentasse a Igreja durante um mês — o que ele fez, vindo todos os domingos e todas as terças-feiras à noite para a reunião dos Rapazes e das Moças. E novamente surpreendeu a todos nós ao vir banhado, com o cabelo limpo, e com as melhores e mais limpas roupas velhas que possuía. Ao fim do prazo de um mês, ele estava implorando pelo batismo.

E assim, num sábado, os élderes o batizaram na pia de água fria do ramo. Quando ele saiu da água, um sorriso imenso estampou-se em seu rosto. Correu para mim e colocou os braços molhados em volta de minha cintura, e rompeu em grandes soluços.

Perguntei-lhe por que estava chorando, e quando finalmente se controlou, olhou para mim com aqueles olhos negros e disse: "Agora que entrei para a Igreja, sou um verdadeiro filho de Deus, não sou?"

"Sim", respondi.

"Não vê", e honestamente queria que eu entendesse, "finalmente sei que tenho um Pai!"

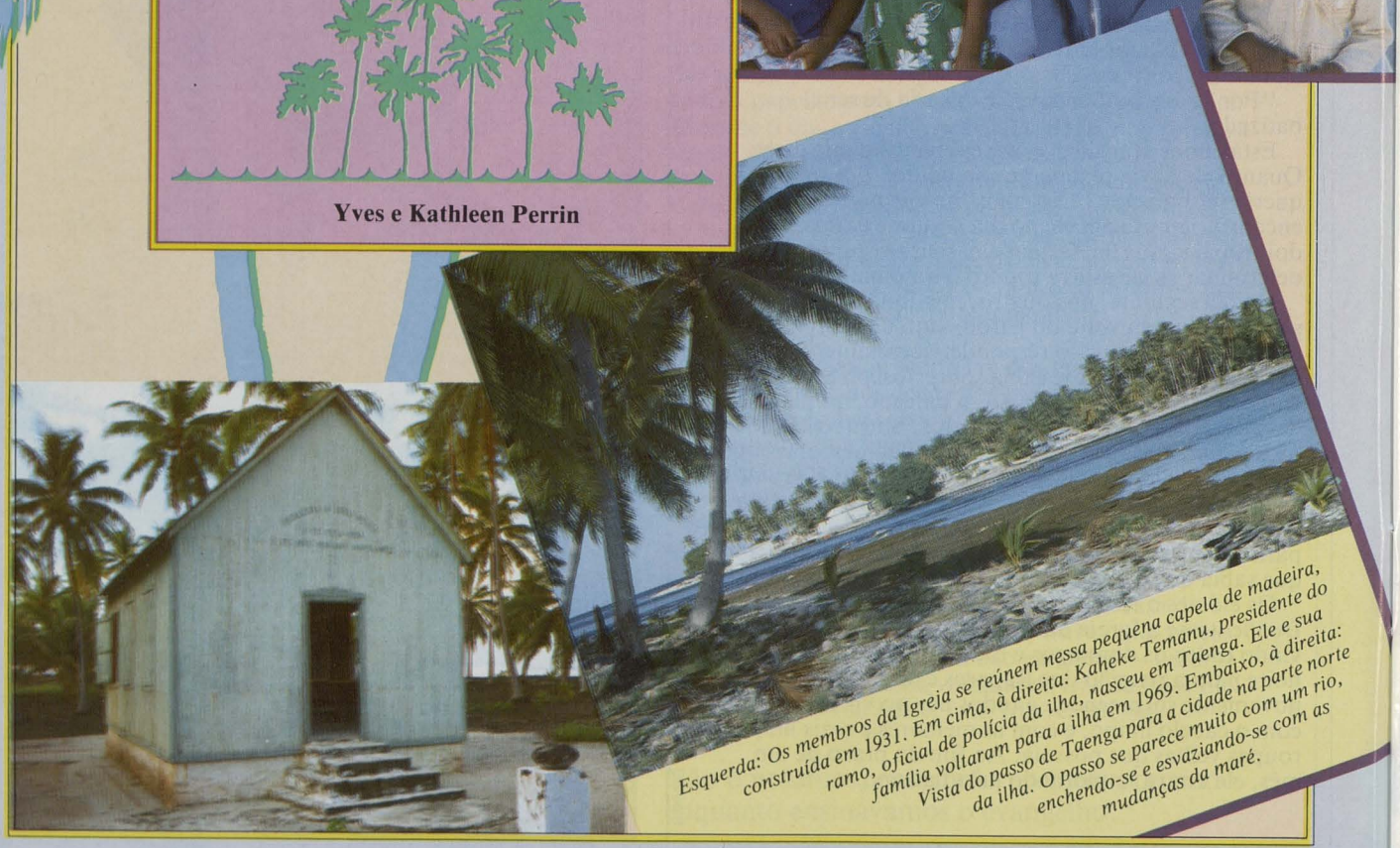
Todos aqueles anos de solidão em que não pertencera a ninguém haviam desaparecido naquele dia. O Evangelho de Jesus Cristo havia levado a um *gamin* solitário o conhecimento a respeito de quem era ele.

Enxugamos as lágrimas e deixamos Guillermo na igreja com outros membros para dar-lhe as boas--vindas. Então fomos para a rua, a fim de falar com a senhora que lhe lera o Livro de Mórmon. □

Ilustrado por Stephen Moore

TAENGA, A ILHA PERDIDA

Yves e Kathleen Perrin



Esquerda: Os membros da Igreja se reúnem nessa pequena capela de madeira, construída em 1931. Em cima, à direita: Kaheke Temanu, presidente do ramo, oficial de polícia da ilha, nasceu em Taenga. Ele e sua família voltaram para a ilha em 1969. Embaixo, à direita: Vista do passo de Taenga para a cidade na parte norte da ilha. O passo se parece muito com um rio, enchendo-se e esvaziando-se com as mudanças da maré.

O mês de fevereiro de 1976 foi muito significativo para os santos do Taiti e das ilhas próximas. Naquele mês, eles teriam a oportunidade de encontrar o profeta do Senhor — muitos deles pela primeira vez. O Presidente Spencer W. Kimball anunciara que viajaria para a Polinésia Francesa para uma conferência de área. Várias outras Autoridades Gerais, inclusive alguns membros do Quorum dos Doze, também estariam presentes.

As pessoas fizeram grandes sacrifícios a fim de se preparar para a visita do profeta do Senhor. Eles confeccionaram manualmente presentes com esmero e amor e passavam muitas horas preparando festas, apresentações musicais e programas de danças tipicamente taitianos.

Os santos de todas as ilhas próximas deixaram de lado suas atividades diárias para empreender a viagem, às vezes longa e difícil, até a ilha principal do Taiti. Alguns puderam viajar de avião, mas a maior parte teve de viajar por barco, durante vários dias, em mar aberto. A semana da conferência chegou. Nunca antes houvera uma reunião tão grande de santos nesta parte do mundo.

Poucos dias antes da primeira sessão da conferência, um grupo de mais de cinqüenta pessoas chegou ao escritório da Missão Taiti Papeete. O presidente da missão, Raymond Baudin, estava familiarizado com os santos dos vários grupos da Polinésia Francesa, mas não conhecia nenhuma dessas pessoas. Presumiu que fossem um grupo de não-membros interessados em assistir à conferência.

Mas eles se apresentaram como santos dos últimos dias da pequena ilha de Taenga, localizada no Arquipélago Tuamotu. O presidente da missão não podia acreditar! Os líderes da Igreja em Papeete não haviam imaginado que existisse qualquer membro da Igreja em Taenga. As pessoas explicaram ao Presidente Baudin que quase toda a população dos moradores de Taenga era constituída de santos dos últimos dias, e que cada um dos moradores de Taenga havia feito a viagem de três dias em escuna para ver o profeta do Senhor!

Nessa época de fichas de membros da Igreja eficientemente preservadas, transportes modernos, e comunicação instantânea, como poderia ter acontecido "perder" toda uma ilha? E como os taenganeses haviam sabido da visita do Presidente Kimball?

Taenga é um atol de coral (uma ilha plana, não vulcânica) localizada a aproximadamente 240 quilômetros a leste do Taiti. Foi objeto da atenção do resto do mundo na data relativamente recente de 1820, por um capitão do mar russo chamado Bellingshausen. Em 1844, vários missionários enviados pelo Profeta Joseph Smith para as Ilhas Sandwich (agora Havaí) encontraram-se por engano nas ilhas agora conhecidas como Polinésia Francesa. Essa área foi a primeira missão de língua não inglesa da Igreja. Foi o Élder Benjamin Grouard o primeiro a ir para Tuamotu. Ele aportou em Anaa, uma ilha próxima a Taenga, em 1 de maio de 1845. O Élder Grouard teve grande sucesso, batizando cerca de 620 pessoas e organizando vários ramos num período de cinco meses.

De 1845 a 1850, o trabalho missionário da Igreja em Tuamotu foi muito limitado, em grande parte realizado pelo Élder Grouard. Depois, nos vinte anos seguintes, o governo francês não iria permitir aos missionários SUD que fizessem proselitismo nesse protetorado recém-adquirido. Embora os conversos não tivessem nenhum contato com a Igreja durante esse período, continuaram a espalhar o evangelho por sua própria conta. Eles fizeram proselitismo em praticamente todos os atóis do lado oeste do arquipélago e conseguiram converter um número considerável dos habitantes das ilhas.

Nos anos seguintes, muitos dos ilhéus de Tuamotu deixaram seus lares para encontrar trabalho e prosperidade no Taiti. Os santos que ficaram em Taenga tinham contato ocasional com os líderes da Igreja no Taiti, mas a comunicação nas ilhas é extremamente difícil. A Polinésia Francesa tem 110 ilhas, e as ilhas da atual Missão Taiti Papeete estão espalhadas numa área de mais de 2,5 milhões de quilômetros quadrados.

Em 1931, uma pequena capela de seis metros por nove foi construída num terreno que media só doze metros por dezesseis que a Igreja conseguira adquirir. Essa continua sendo a única capela em uso na ilha hoje. Os membros fiéis se lembram de que a última visita feita a eles por um presidente de missão, antes da viagem de 1976, foi no final da década de 50, pelo Presidente Joseph R. Reeder. Depois, não se sabe como, durante os quinze anos seguintes, os líderes da missão acidentalmente se esqueceram de Taenga.

Esperando uma Visita

Embora o ramo acabasse por não estar mais funcionando oficialmente e as reuniões estivessem sendo realizadas apenas de maneira oficiosa, os membros conservaram a fé. "Sempre vivemos o evangelho o melhor que podíamos", diz a Irmã Teuruhai Buchin, que agora trabalha no Templo do Taiti. Kaheke Temanu, o homem que posteriormente seria chamado como presidente do ramo, tinha fé em que, um dia, a pequena ilha seria visitada por um presidente de missão. Construiu uma pequena residência na ilha, reservada para o único propósito de alojar o visitante tão esperado. Assim, não era tão surpreendente que, quando esses membros firmes souberam, verbalmente, que um profeta do Senhor viria ao Taiti, foram inspirados a fazer a difícil viagem trazendo belos objetos feitos a mão, mostrando seu amor e respeito pelo Presidente Kimball.

Desde 1976, pouca coisa mudou em Taenga. A ilha continua completamente isolada das outras que formam a Polinésia Francesa e não tem uma pista de pouso como muitas das ilhas próximas. A maneira mais fácil de chegar a Taenga é voar para Makemo, que fica perto, num avião de doze passageiros, e depois viajar de barco a motor em mar aberto por aproximadamente três horas. Se o tempo estiver ruim, no entanto, essa viagem de "três horas" pode levar o dobro do tempo.

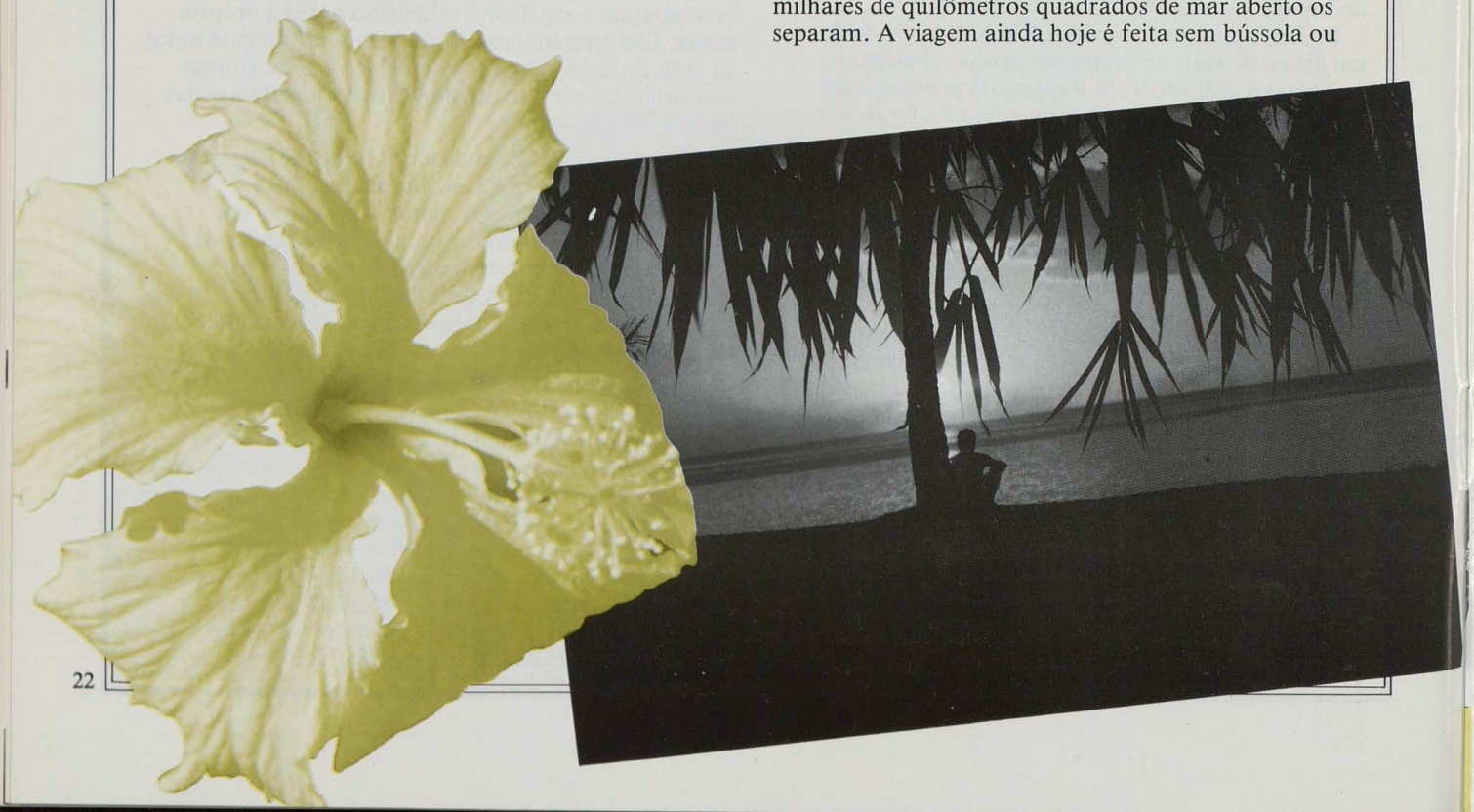
Esse isolamento causa um estilo simples de vida, sem as pressões e coisas complexas da sociedade moderna, e praticamente inalterado em relação ao que era décadas atrás. O solo de coral triturado quase não permite a existência de colheitas ou jardins. Os ilhéus comem basicamente peixe e coco, suplementados por mercadorias trazidas do Taiti por barco. A única atividade que gera renda na ilha é a produção de copra — a polpa do coco seca da qual se obtém óleo.

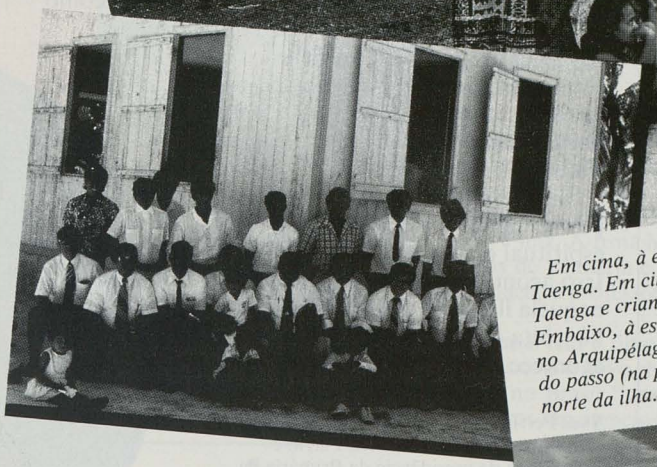
Uma coisa que mudou em Taenga foi a atividade da Igreja. Durante muitos anos, os santos não tiveram a oportunidade de exercer sua fé como desejavam. Pouco depois de sua viagem ao Taiti, em 1976, os taenganeses receberam a tão esperada visita do presidente da missão, o Presidente Baudin, que oficialmente organizou novamente o ramo na ilha e chamou Kaheke Temanu como presidente do ramo. O Presidente Temanu nasceu em Taenga, mas mudou-se para o Taiti. Em 1969, ele e sua família mudaram-se novamente para Taenga, e ele foi indicado como oficial de polícia local pelo governo francês.

Quando o ramo começou a funcionar novamente de maneira oficial, os membros voltaram a ter reuniões, e dez conversos foram batizados. Dos setenta e seis habitantes de Taenga, apenas sete não são membros da Igreja. O Presidente Temanu diz que não só os membros da Igreja são todos ativos, mas também até os não-membros regularmente assistem e participam das reuniões da Igreja. Ele está feliz, especialmente porque vários casais de sua ilha têm sido selados no Templo de Taiti desde que ele foi terminado em 1983.

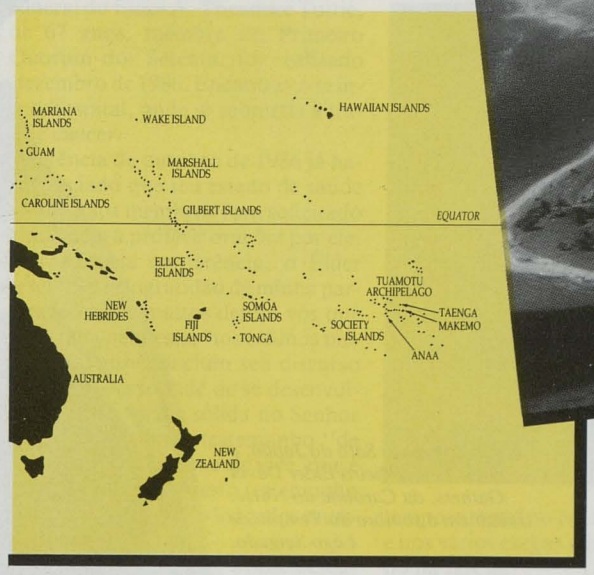
Navegar pela Fé

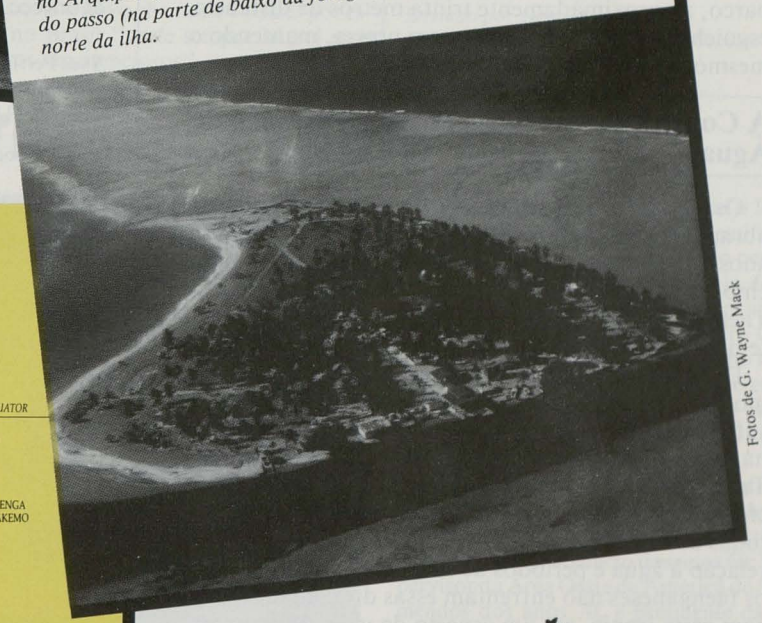
Os membros de Taenga sentem que o Senhor os abençoou de muitas formas devido à sua fé. Essa fé é posta à prova todas as vezes que eles fazem a viagem até Makemo. Embora os polinésios sejam tradicionalmente navegantes habilidosos, é raro ver essas habilidades ainda em uso como em Taenga. A viagem para Makemo é muito difícil, porque os atóis de corais planos não são fáceis de ver à distância, e milhares de quilômetros quadrados de mar aberto os separam. A viagem ainda hoje é feita sem bússola ou





Em cima, à esquerda: As ondas se quebram na praia, no norte de Taenga. Em cima, à direita: As irmãs da Sociedade de Socorro de Taenga e crianças. À esquerda: Os irmãos do sacerdócio e crianças. Embaixo, à esquerda: um mapa mostrando a localização de Taenga no Arquipélago de Tuamotu. Embaixo, à direita: Uma vista aérea do passo (na parte de baixo da fotografia) e da cidade na parte norte da ilha.





Fotos de G. Wayne Mack

outros instrumentos de navegação mas, como explica o comandante do barco, com "as estrelas, instinto, e confiança na inspiração e orientação do Senhor".

A viagem é memorável para todos os líderes da Igreja que visitam Taenga. Todos ficam impressionados com a fé que tem o Presidente Temanu, o comandante do barco. Antes de sair da laguna de Taenga, ele fica no barco (um barco a motor de três metros, com capacidade máxima para seis passageiros) e oferece uma oração pedindo orientação, e depois nunca se esquece de orar em agradecimento após a chegada.

O Presidente Baudin descreve sua segunda viagem a Taenga como uma das experiências mais significativas de sua missão. O Presidente Temanu viera buscá-lo, e logo depois que saíram de Makemo, uma tempestade veio se aproximando, com o vento e as ondas fustigando o barco e alterando seu curso. "Imaginem minha preocupação", relata o Presidente Baudin, "quando, depois de seis horas, ainda não havia terra à vista.

Repentinamente, o Presidente Temanu se levantou e apontou com o dedo e afirmou calmamente que a ilha ficava naquela direção. Quase imediatamente, o vento desapareceu e o mar tornou-se calmo, e, como se tivessem vindo para nos cumprimentar e guiar para passarmos pelo recife, dezenas de golfinhos apareceram, pulando para fora da água em frente ao barco. Como se isso não fosse suficientemente impressionante, também vimos uma baleia ao lado do barco, a aproximadamente trinta metros de distância, esguichando água e nadando sem pressa, mantendo o mesmo ritmo de nosso movimento."

A Contenção dos Elementos e a Provisão de Água

Os membros de Taenga acreditam que os céus abrandaram os elementos em sua ilha. Nos últimos anos, cinco ciclones muito grandes varreram a área, e embora as ilhas próximas fossem seriamente afetadas, Taenga não foi tocada por nenhuma dessas tempestades devastadoras.

Da mesma forma, os taenganeses não hesitam em mostrar como o Senhor os abençoou com uma provisão suficiente de água para suas necessidades. Como não há montanhas, nem rios nem fontes nos atóis de Tuamotu, toda a água potável tem de ser recolhida da chuva, em tonéis e tanques. Na época da seca, quase todas as ilhas sofrem com os problemas constantes em relação à água e períodos de sério racionamento. Mas os taenganeses não enfrentam essas dificuldades. E, com certa ironia, em um aspecto da vida moderna os taenganeses podem orgulhar-se de ter um padrão mais alto que o do Taiti, que ainda não está totalmente provido de energia elétrica. Em Taenga, todas as casas têm energia elétrica gerada pelo sol.

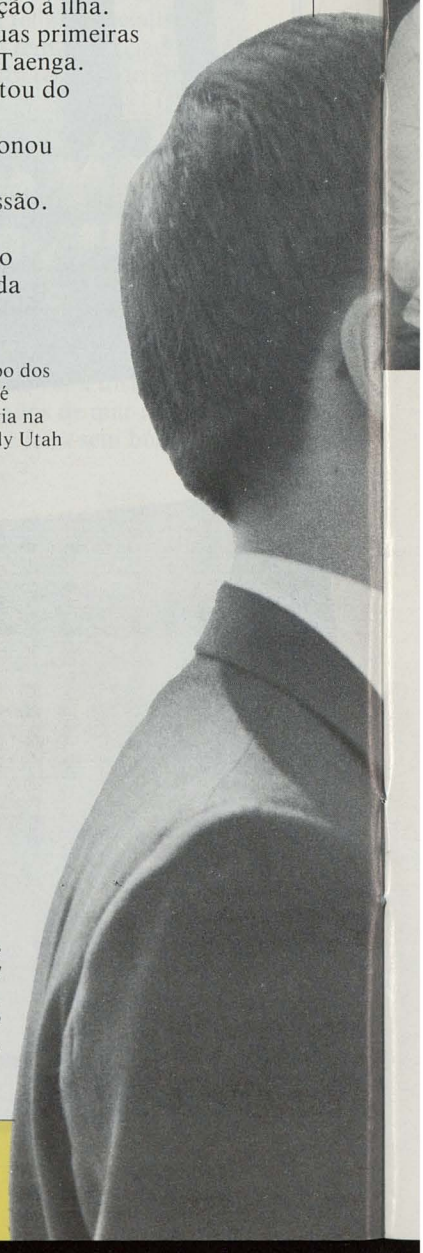
Um Paraíso na Terra

Vários líderes da Igreja no Taiti, que recentemente visitaram Taenga, ficaram impressionados com o forte sentimento de segurança na ilha e com a maravilhosa espiritualidade que existe em meio à população toda. "É assim que é o paraíso", comentou Georges Bonnet, o administrador regional da Igreja para assuntos temporais.

Certa manhã o Irmão Bonnet foi despertado por um ruído estranho. Quando se levantou e olhou, descobriu as irmãs da Sociedade de Socorro varrendo as folhas que haviam caído na estrada do vilarejo durante a noite. "Eu nunca vira uma limpeza assim", observou ele. "Todo o vilarejo está imaculado, e é óbvio que as pessoas têm muito orgulho de sua ilha."

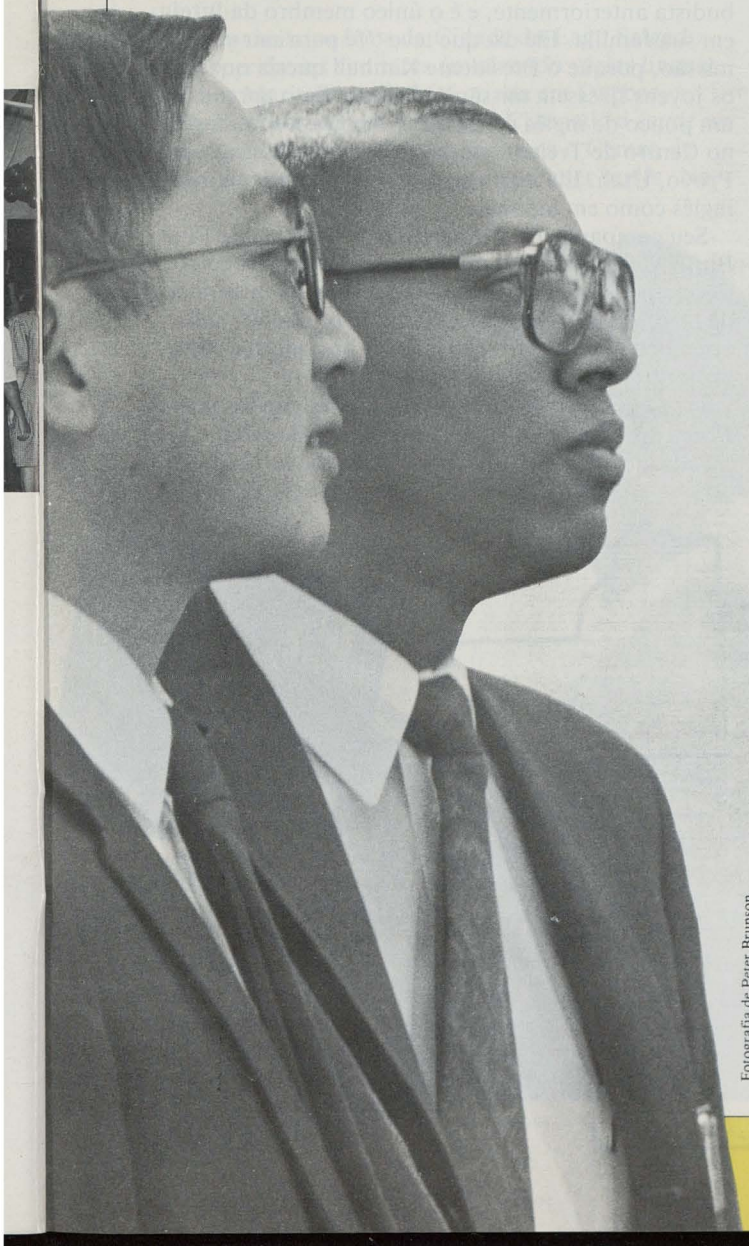
O Presidente C. Wayne Mack e o Presidente C. Jay Larson, que sucederam ao Presidente Baudin como presidentes de missão no Taiti, também têm sentimentos especiais em relação à ilha. É interessante que, durante suas primeiras missões, ambos serviram em Taenga. O Presidente Larson, que voltou do Taiti em julho de 1984, diz: "Taenga sempre me impressionou por ser talvez o ramo mais espiritual e mais unido da missão. Isso acontecia quando servi naquela ilha como missionário há trinta e quatro anos, e ainda acontece hoje." □

Yves Perrin serve como líder do grupo dos sumos sacerdotes, e Kathleen Perrin é conselheira da presidência da Primária na Ala Union Trinta e Um, Estaca Sandy Utah Cottonwood Creek.



Élder Yokunido Sato do Japão, e seu companheiro Élder David Gathers, da Carolina do Norte, trabalham à sombra do Templo de Lago Salgado.

"POR QUE PRECISARIAM DE UM OUTRO MÓRMON NA CIDADE DO LAGO SALGADO?"



Fotografia de Peter Brunson

Janet Peterson

Rapazes e moças da Europa, Ásia, e América do Sul são chamados para pregar o Evangelho — em Utah.

Quando Yokunido Sato se filiou à Igreja e determinou-se a cumprir missão, poderia ter esperado pregar o evangelho no Japão, seu país natal. Assim, também, talvez Ramon Ramos, da Guiana, esperasse com ansiedade servir em missão na América do Sul. No entanto, tanto o Élder Sato como o Élder Ramos foram chamados para servir bem perto da sede da Igreja, na Cidade do Lago Salgado.

O Élder Takashi Wada teve de ler a carta que continha a designação de sua missão oito vezes, antes de perceber que iria para a missão da Cidade do Lago Salgado Norte. Como a Sister Lindamay Garcia, da Missão Cidade do Lago Salgado Sul se perguntou quando recebeu seu chamado: "Por que eles precisariam de outro mórmon na Cidade do Lago Salgado?"

No decorrer de toda a sua história, a Igreja tem enviado missionários da sede da Igreja para pregar o evangelho a todo o mundo. Agora, Jesus Ramon, da Espanha; Marie Normand, de Quebec, Canadá — e muitos outros jovens de todas as partes do mundo — estão servindo em missões que têm suas sedes na Cidade do Lago Salgado.

Muitas pessoas nem mesmo percebem que há uma missão na Cidade do Lago Salgado. Mas, na realidade, duas missões têm suas sedes no Vale do Lago Salgado. A Missão Utah Cidade do Lago Salgado Norte se estende em direção ao norte por todo Utah até Idaho e partes do Estado de Wyoming;

a Missão Utah Cidade do Lago Salgado Sul abrange uma área que se estende da metade do vale até a fronteira sul de Utah.

É a missão norte que tem a característica mais cosmopolita.

"Temos uma missão internacional bem aqui na Cidade do Lago Salgado", diz Lloyd V. Owen, presidente da Missão Cidade do Lago Salgado Norte, que é do Alaska. "Nossos missionários vêm de todas as partes do mundo, inclusive Samoa, Tonga, Inglaterra, Irlanda, África do Sul, Vietnã, Laos, Camboja e Tailândia. Chegamos a ter até trinta nações representadas nesta missão." Em qualquer época determinada, a missão tem a capacidade de ensinar o evangelho em aproximadamente dezessete línguas.

"Nossos missionários de outros países nos ajudam a aumentar nossa compreensão de uma Igreja Universal", diz Sister Peggy Owen. "Além disso, os missionários norte-americanos que servem como seus companheiros entram em contato com outras culturas, o que de outra forma, seria impossível." Em troca, os missionários estrangeiros são incentivados a aprender inglês melhor e a tentarem entender a cultura na qual se encontram.

Para ajudar a cumprir o desafio de administrar uma missão com tantas diferenças lingüísticas e culturais, todos os missionários estrangeiros estão numa zona da missão, a Zona Oito. Isso ajuda o presidente da missão a usar as habilidades lingüísticas dos missionários o melhor possível. Esse sistema está funcionando, segundo o Presidente Owen. A Zona Oito geralmente é a primeira colocada da missão no que diz respeito ao número de batismos.

As missões Cidade do Lago Salgado Norte e Cidade do Lago Salgado Sul estão entre as missões de língua inglesa que mais batizam na Igreja. O Presidente Van L. McCabe, da missão sul, sente que isso acontece devido aos esforços para fazer amizade de muitos dos membros, à liderança voltada para a obra missionária das alas e das estacas, e, especialmente, devido aos dedicados missionários de tempo integral.

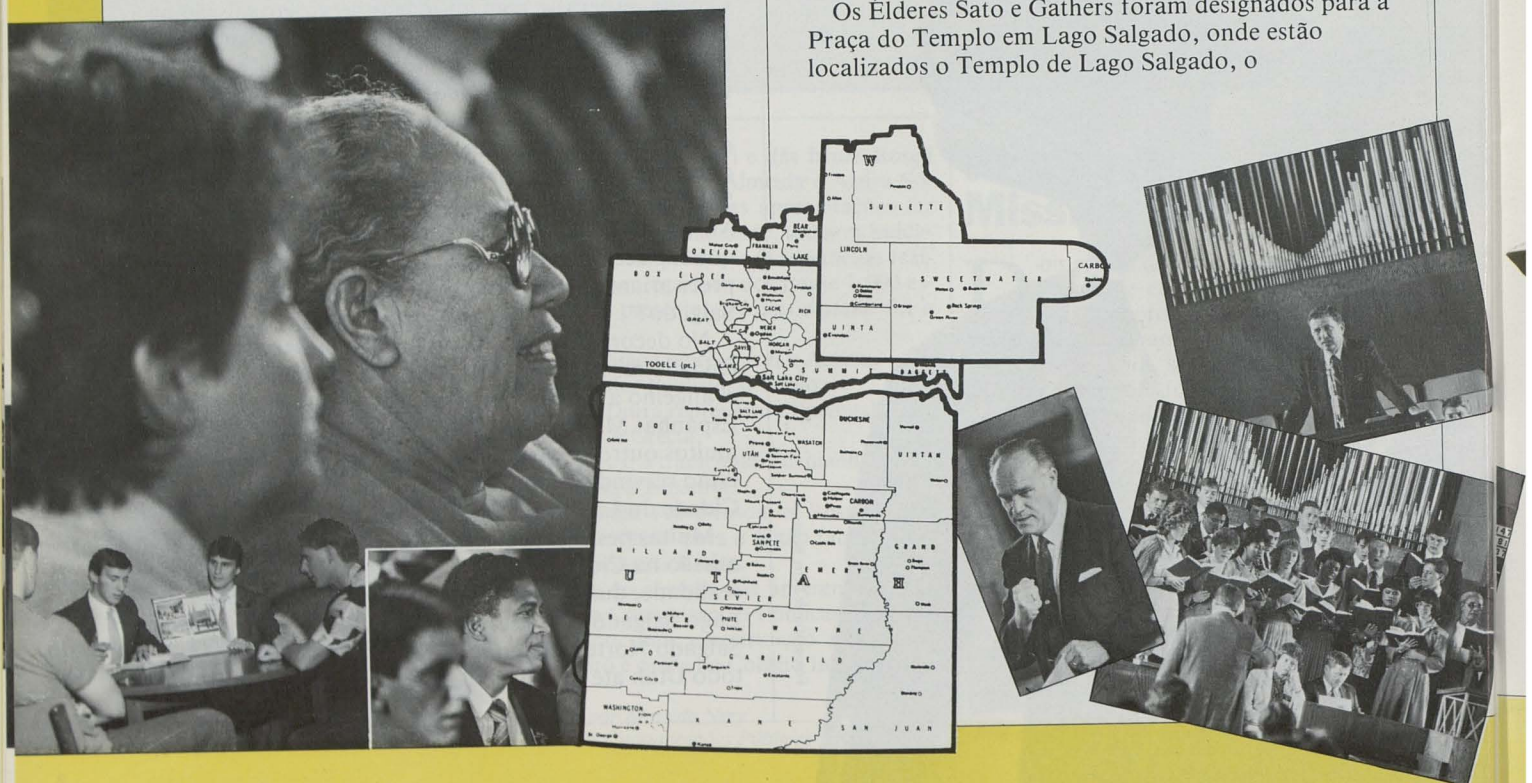
Novos Conversos Missionários

Em muitos casos, os próprios missionários têm pouco tempo de batismo. Outros são ativos na Igreja poucos anos antes de seu chamado como missionários.

O Élder Yokunido Sato filiou-se à Igreja há seis anos, em Sapporo, Japão, sua cidade natal. Era budista anteriormente, e é o único membro da Igreja em sua família. Ele diz que teve "fé para sair em missão, porque o Presidente Kimball queria que todos os jovens fizessem missão". O Élder Sato aprendeu um pouco de inglês na escola e depois estudou inglês no Centro de Treinamento Missionário da Igreja em Provo, Utah. Ele agora ensina o evangelho tanto em inglês como em japonês.

Seu companheiro, o Élder David Gathers, de Pine Bluff, Carolina do Norte, não freqüentou o Centro de Treinamento Missionário na qualidade de missionário de língua estrangeira para aprender o japonês, mas aprendeu tanto com o Élder Sato, que agora é capaz de dar as palestras em japonês.

Os Élderes Sato e Gathers foram designados para a Praça do Templo em Lago Salgado, onde estão localizados o Templo de Lago Salgado, o



Tabernáculo, o Salão de Convenções (Assembly Hall) e dois centros de visitantes da Igreja. Com sua bela paisagem, a Praça do Templo atrai aproximadamente dois milhões de turistas por ano. Uma dessas turistas era Chitomi Tanaka, de vinte e um anos, do Japão, que viera para Utah em visita a uma amiga. Depois que os élderes a levaram para conhecer a Praça do Templo, perguntaram-lhe se ela gostaria de saber mais sobre a Igreja. Chitomi leu o Livro de Mórmon e soube que era verdadeiro, mas estava preocupada em se filiar à Igreja. Os élderes a desafiaram a ser batizada e marcaram uma data, mas quando essa data chegou, Chitomi decidiu não ser batizada, o mesmo acontecendo com outras datas posteriormente marcadas. Finalmente, depois de cinco meses de estudo do evangelho, ela foi batizada. Mais tarde voltou ao Japão, onde, segundo o relato do Élder Sato, é um membro fiel da Igreja.

O Élder Sato e o Élder Gathers tiveram também a oportunidade de ensinar uma senhora vietnamita e sua filha.

Outros missionários da Cidade do Lago Salgado têm experiências similares envolvendo várias línguas. A Sister Marie Normand foi criada em Quebec, Canadá, onde se falava francês. Chamada a servir na Cidade do Lago Salgado, ela foi para o Centro de Treinamento Missionário, para aprender inglês. Na missão, foi-lhe designada como companheira, a Sister Janice Rider, também canadense, que estava trabalhando com alguns refugiados cambojanos. A missionária de fala francesa que aprendeu inglês, agora está ensinando o evangelho em cambojano.

A História da Conversão Cambojana

Aproximadamente 8.000 refugiados do sudoeste da Ásia moram em Utah, com aproximadamente cinqüenta a cem novos refugiados chegando a cada mês. Donald e Irene Jones, de Mesa, Arizona, são um casal de missionários de bem-estar que trabalham entre os refugiados cambojanos. O Élder Jones relata que "aproximadamente trinta por cento das pessoas que ajudamos com roupa, móveis, comida e treinamento profissional não são membros da Igreja. Ajudar as pessoas freqüentemente abre as portas para o ensino do evangelho."

Uma história de conversão assim foi a de Sakhan Lay, que era professora no Camboja. Quando o governo caiu, sua família foi separada, sendo ela enviada para um campo de prisioneiros. Por duas vezes enfrentou o pelotão de fuzilamento, mas sua vida foi poupada. Milagrosamente ela escapou, e pôde localizar seus filhos que haviam fugido para a Tailândia. Uma família de santos dos últimos dias do Camboja que morava em Utah responsabilizou-se pelos Lay, para que pudessem vir para a Cidade do Lago Salgado, onde se filiaram à Igreja. A Irmã Lay está agora trabalhando como assistente social entre o seu povo.

Dois missionários vietnamitas da Missão Lago Salgado Norte ensinaram as palestras do evangelho em inglês a um pesquisador que tinha origem hispânica. O Élder Jeff Reyes, de Los Angeles, California, fora um jogador de futebol americano,

Fotografia de Jed Clark e Peter Brunson

Nascida em Samoa, Sister Theresa Moe, ao centro, realizou um sonho muito antigo quando recebeu o chamado missionário para a Cidade do Lago Salgado.

Esperando um chamado missionário para a Espanha, sua terra natal, o Élder Jesus Ramon, segundo à esquerda, chorou quando foi chamado para a missão em Utah.

Um sapateiro da Guiana, Ramon Ramos, ao centro, filiou-se à Igreja e fez missão, tudo como resultado de uma viagem de negócios às Indias Ocidentais.

O Élder James M. Paramore, do Primeiro Quorum dos Setenta, e presidente da Presidência da Área Utah Norte, fala aos missionários em uma conferência de zona.

O Presidente da Missão Lago Salgado Norte, Lloyd V. Owen, visto aqui falando numa conferência de missionários, diz que muitos missionários reagem ao seu chamado para Utah com descrença.

Sister Sonya Collins, de Leeds, Inglaterra, rege música durante uma conferência missionária.

enquanto estudava na Universidade de Utah, antes de participar de um time profissional. Depois que um ferimento no joelho acabou com a carreira esportiva daquele homem de 122 quilos, ele voltou para a Cidade do Lago Salgado, embora tivesse fortes sentimentos contra a Igreja. No entanto, quando encontrou os missionários, mostrou-se receptivo ao evangelho e foi batizado. O Presidente Owen recorda que "Jeff estava tão emocionado após o batismo, que abraçou aqueles pequenos missionários vietnamitas e literalmente os levantou no colo. Brinquei com minha mulher, dizendo que temia por suas vidas."

"Para o Céu"

Como um missionário que mora fora dos Estados Unidos se sente, quando recebe um chamado para servir na Cidade do Lago Salgado? "A reação", observa o Presidente Owen, "é variada. Alguns acham que foram para o céu. Muitos reagem ao seu chamado para a missão com descrença." Sister Theresa Moe, uma viúva residente na California, nascida em Samoa, soubera através de seus amigos e familiares que seria chamada para servir em Tonga, ou Samoa, ou alguma outra ilha do Pacífico. Mas ela sonhara em vir para Utah desde criança quando vira fotografias do Templo de Lago Salgado. Tinha quase certeza de que seria chamada para servir na Cidade do Lago Salgado, e estava certa.

Sister Lindamay Garcia, de Mercedes, Texas, que se filiou à Igreja em 1984, nem sequer percebera que havia uma missão em Utah.

Mas o Élder Jesus Ramon, de Elche, Espanha, único membro da Igreja em sua família, diz: "Chorei, quando recebi meu chamado para fazer missão em Utah. Queria servir meu povo na Espanha; compartilhar a mensagem do evangelho com eles. Queria também estar mais perto de minha família e ajudar a levá-los para a Igreja. Mas orei e soube que o chamado era do Senhor através do Presidente Spencer W. Kimball, e que era em Utah que eu deveria estar."

Agora ele está feliz por ter sido obediente ao chamado. "Vi um grande progresso na atitude de minha família em relação à Igreja. Eles estão agora assistindo às reuniões da Igreja devido à mudança para o bem que presenciaram em minha vida, e porque gostam dos membros. Sinto que uma das bênçãos de servir numa missão será ver minha família vir para a Igreja."

Embora o Élder Ramon esteja servindo numa missão de língua inglesa, muitas vezes é o primeiro contato com os mexicanos ou sul-americanos que moram na sua área da Zona Oito.

Lingüistas Versáteis

Trabalhar com pesquisadores de língua espanhola é uma experiência compartilhada pelo Élder Santiago Tinon, de Chicago, Illinois, e pelo Élder Alejandro Flores, de El Paso, Texas. Originariamente chamados como missionários de língua inglesa para a Missão Utah Cidade do Lago Salgado Sul, os dois élderes agora estão trabalhando exclusivamente com pessoas de língua espanhola do México, Guatemala, Venezuela e El Salvador. Num mês apenas, esses dois missionários tiveram seis batismos. Um deles foi o de uma jovem mexicana que viera para Provo, Utah, para estudar. Ela fumava muito, mas aceitou o desafio de ler o Livro de Mórmon. Na terceira palestra, estava convertida e prontamente deixou de fumar. Ela foi um exemplo, diz o Élder Flores, de como o evangelho é bem aceito entre os hispânicos.

Um sapateiro da Guiana, América do Sul, Ramon Ramos, viajou para a Ilha de Barbados, nas Índias Ocidentais, para vender seus sapatos feitos a mão para turistas. Encontrou os missionários e depois filiou-se à Igreja, quando tinha vinte e um anos. Único membro da Igreja em sua família, ele queria fazer uma missão, mas não sabia como poderia financiá-la. Numa de suas viagens a Barbados, encontrou uma família de santos dos últimos dias do Arizona, que se ofereceu para apoiá-lo financeiramente numa missão.

Quando completar sua missão, o Élder Ramos planeja retornar a Barbados, para ajudar a edificar a Igreja lá. "Há muito poucos portadores do sacerdócio nessa parte do mundo, e acredito que o Senhor precisa de mim lá", diz ele.

O Presidente Owen diz: "Uma das belas coisas a respeito dos jovens de todo o mundo que servem nesta missão é que ela os prepara para uma liderança posterior. Eles vêem a Igreja com sua grande força, vêem estacas e alas funcionando como deve ser, e crescem com essa experiência. Quando voltarem para seus países de origem, onde a Igreja está-se expandindo rapidamente, onde é um desafio muito grande prover uma liderança treinada, esses jovens estarão especialmente preparados."

A preparação pessoal dos próprios missionários é uma parte importante da experiência da missão. O Élder Alejandro Flores sente que sua missão lhe ensinou muitas coisas sobre a vida. Sister Sonya Collins, que vem de uma grande família que migrou das Índias Ocidentais para Leeds, Inglaterra, e depois filiou-se à Igreja, diz: "Uma missão é um sucesso não apenas em termos de batismos. Uma missão é um sucesso, se o missionário aprende a respeito de si mesmo, e obtém um testemunho mais seguro de Jesus Cristo."

É dada aos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a admoestação de pregar o evangelho a "toda nação, e tribo, e língua, e povo". (Apocalipse 14:6.) Os missionários estrangeiros que servem nas missões Utah Cidade do Lago Salgado Norte e Utah Cidade do Lago Salgado Sul têm a oportunidade incomparável e sagrada de compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo perto da sede da Igreja. □

CHAMADOS POR INSPIRAÇÃO

Quais são as chances de que um jovem ou uma jovem da Europa, Ásia, ou América Latina seja chamado para fazer uma missão em Utah?

"Não há um padrão para chamar missionários para servir na Cidade do Lago Salgado", diz o Élder Charles Didier, do Primeiro Quorum dos Setenta e diretor administrativo do Departamento Missionário. "As designações dos missionários são feitas por profetas, videntes e reveladores, e os missionários de todo o mundo são chamados de acordo com a inspiração."

Quando a inspiração resulta em uma designação para as missões de língua inglesa sediadas na Cidade do Lago Salgado, o missionário ou missionária irá primeiro para o Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah. Dependendo de seu desempenho na língua inglesa, eles ficarão lá para um curso de orientação de duas semanas, ou para o curso intensivo de inglês com oito semanas de duração. □

EDIFICAR FAMÍLIAS

Desde o Profeta Joseph Smith até o Presidente Ezra Taft Benson, os presidentes da Igreja têm admoestado os santos, e o mundo em geral, a edificar famílias mais fortes. Eis aqui o que os profetas do Senhor disseram:

Por meio do Profeta Joseph Smith, o Senhor disse:

"E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de qualquer de suas estacas organizadas.

E, quando alcançarem os seus filhos os oito anos de idade, deverão ser batizados para a remissão de seus pecados, e receberão a imposição das mãos.

E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:25-28.)

Presidente Brigham Young:

"Criai vossos filhos no amor e temor ao Senhor; estudai suas disposições e temperamentos, e lidai com eles da maneira correspondente, nunca vos permitindo corrigi-los no calor da paixão; ensinai-os a amar-vos e não a temer-vos, e que seja vossa preocupação constante ensinar os filhos que Deus vos houver dado, desde pequenos, sobre a importância dos oráculos de Deus e a beleza dos princípios de nossa santa religião, para que possam crescer até a idade adulta, como homens e mulheres, e possam por eles nutrir terna contemplação, jamais esquecendo-se da verdade." (In *Journal of Discourses*, 19:221.)

Presidente John Taylor:

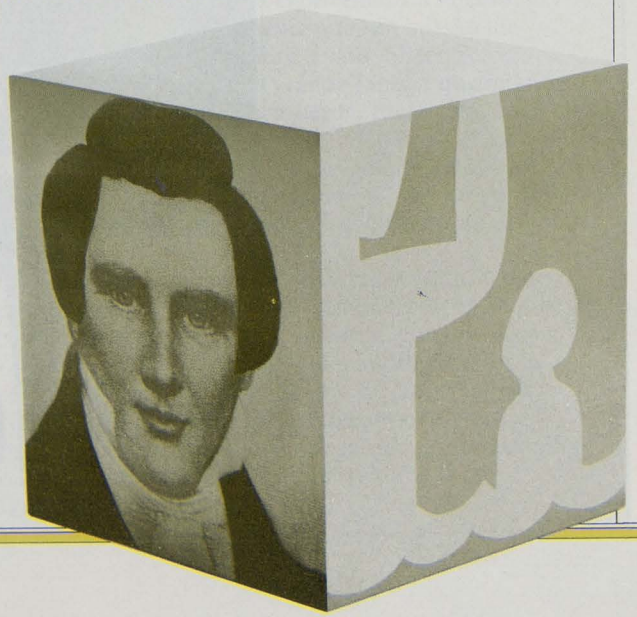
"Treinai vossos filhos para serem inteligentes e industriosos. Primeiro, ensinai-lhes o valor de corpos saudáveis, e como preservá-los com saúde e vigor; ensinai-os a ter a maior consideração pela virtude e castidade, e, da mesma forma, incentivai-os a desenvolver as faculdades intelectuais com as quais são dotados. Eles também devem ser ensinados a apreciar a terra na qual vivem, suas características e as leis que a governam; e devem ser instruídos a respeito de Deus, que criou a terra; e de seus planos e propósitos na criação, e de ter Deus colocado o homem sobre ela." (In *Journal of Discourses*, 24:167.)

Presidente Wilford Woodruff:

"Há muito tenho certeza de que o Demônio vem fazendo um grande esforço para construir um abismo entre pais e filhos — tentando inspirar e instilar nas mentes dos filhos e filhas dos santos as noções corruptoras que os impedirão de seguir os passos de seus pais e mães; *mas isso não pode ser feito!* Os filhos e filhas deste povo, se cumprirmos nosso dever, serão sustentados pela força do Deus de Israel e em seu nome." (In *Journal of Discourses*, 8:271.)

Presidente Lorenzo Snow:

"Se conseguirdes algum dia a união de qualquer família em Sião, se algum dia alcançardes aquela união celestial que deve existir numa família, tereis



MAIS FORTES

conseguido unir essa família como se fossem uma só pessoa, e tem de haver o Espírito do Senhor no chefe dessa família, e ele deve ter a luz e a inteligência que, se postas em prática na vida e conduta diárias desses indivíduos, assegurarão a salvação daquela família, pois ele tem a salvação deles em suas mãos." (In *Journal of Discourses*, 4:243.)

"As mulheres descobrirão que têm muito poder e influência em relação a abençoar seus maridos; portanto, deixai que vossa fé e vossos corações se unam, e orai por vossos maridos e por vossos filhos." (In *Journal of Discourses*, 5:326.)

Presidente Joseph F. Smith:

"Agora, meus irmãos e irmãs, tentareis tomar conta de vossos filhos, e cuidar deles no dia do Senhor, verificar onde estão, trazê-los para a reunião e ensinar-lhes algo que não sabiam?...

Se permitirmos que nossos filhos se comportem no domingo como se fosse um feriado, sem saber onde estão, ou o que estão fazendo, Deus não nos deixará sem culpa. As crianças estão sujeitas a seus pais, e os pais são responsáveis pela conduta de seus filhos até que atinjam a idade da maturidade.

Olhai por vossos filhos, irmãos e irmãs." (In *Journal of Discourses*, 14:286.)

Presidente Heber J. Grant:

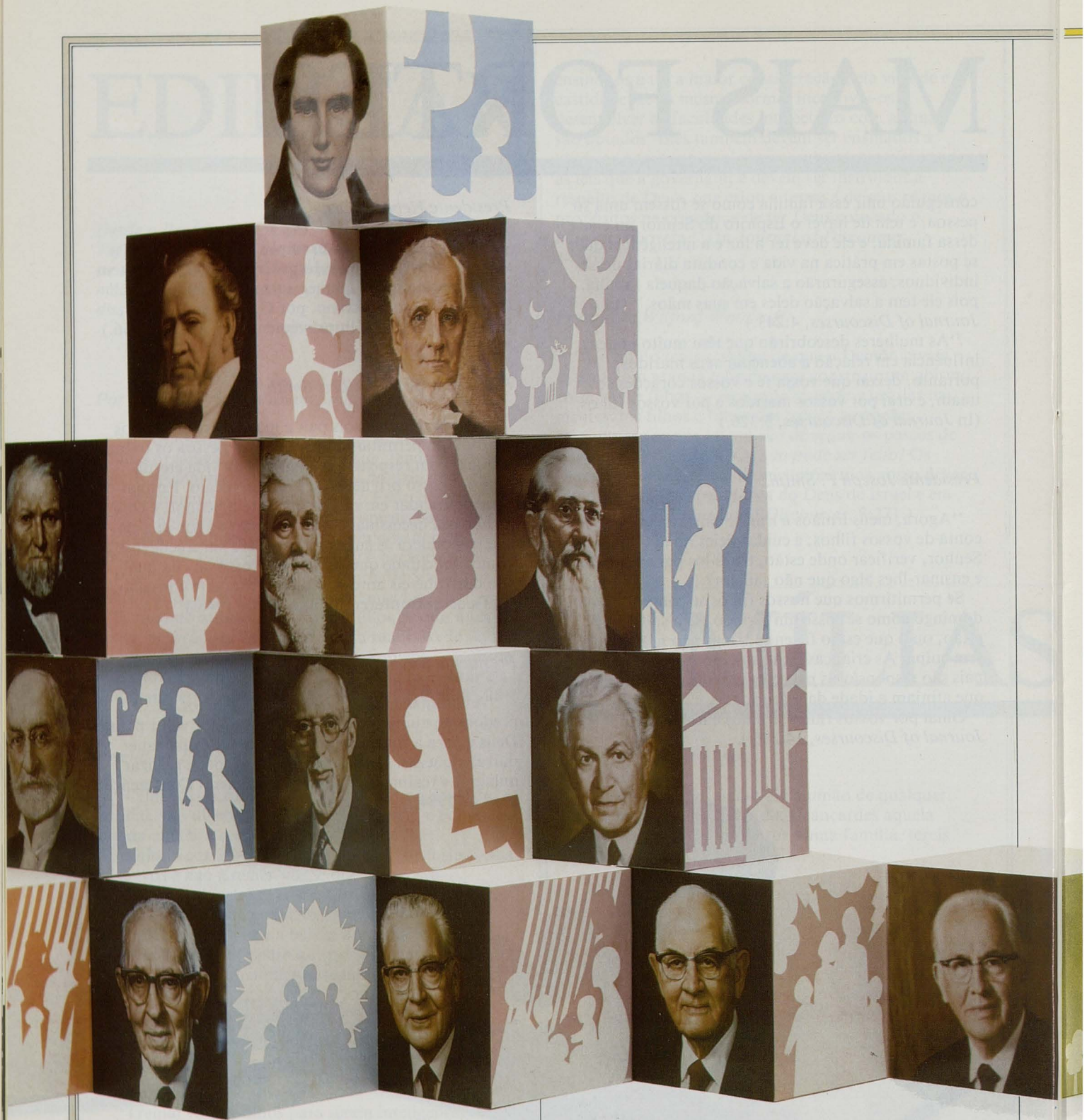
"Oro para que vosso exemplo leve vossos filhos a viverem o Evangelho de Jesus Cristo, porque isso tem mais valor do que qualquer outra coisa no mundo." (*Gospel Standards*, comp. por G. Homer Durham, Salt Lake City; The Improvement Era, 1942, p. 156.)

Presidente George Albert Smith:

"Agora, vós que sois pais e mães, apreciai vossos filhos. Não permitais que uma outra pessoa os treine e eduque, com respeito aos assuntos da vida eterna. Esse é o vosso privilégio, e é um privilégio. Ensinai-os a orar e a andar em retidão perante o Senhor, e então, na hora da necessidade, eles poderão dirigir-se a ele, que responderá às suas orações. Será surpreendente a grande felicidade que surgirá em vosso lar, da qual não desfrutáveis antes, caso seguirdes este conselho." (In General Conference, outubro de 1948.)

Presidente David O. McKay:

"A choupana mais pobre na qual o amor predomine numa família unida tem maior valor para Deus e para a futura humanidade do que quaisquer outras riquezas. Num lar assim, Deus pode realizar milagres e realmente o fará." (In General Conference, abril de 1964.)



Presidente Joseph Fielding Smith:

"A todas as famílias em Israel, dizemos: A família é a organização mais importante no tempo ou na eternidade. Nosso propósito na vida é criarmos para nós unidades familiares eternas. Não existe nada mais importante que possa ocorrer em sua vida familiar do que as bênçãos seladoras do templo, e depois guardar os convênios feitos em conexão com esta ordem de casamento celestial." ("Conselho para os Santos e para o Mundo", *A Liahona*, dezembro de 1972, pp. 10-11.)

Presidente Harold B. Lee:

"O maior trabalho do Senhor que vocês farão, irmãos, como pais, está entre as paredes de seu próprio lar. Não negligenciem suas esposas, irmãos. Não negligenciem seus filhos. Reservem tempo para a reunião familiar. Tragam seus filhos à sua volta. Ensinem-nos, orientem-nos e guardem-nos. Nunca houve uma época em que necessitássemos tanto da força e solidariedade do lar." ("Sigam a Liderança da Igreja", *A Liahona*, dezembro de 1973, p. 38.)

Presidente Spencer W. Kimball:

"A família é a unidade básica do reino de Deus na terra. A Igreja não é mais saudável que suas famílias. Nenhum governo pode durar muito tempo sem famílias fortes.

Nunca houve tantas influências insidiosas ameaçando a família, como hoje, em todo o mundo. Muitos desses males e influências adentram a própria casa — através da televisão, do rádio, revistas, jornais e outras formas de literatura." ("Fortalecer a Família — a Unidade Básica da Igreja", *A Liahona*, outubro de 1978, p. 77.)

Presidente Ezra Taft Benson:

"A vida eterna consegue-se unicamente pela obediência às leis e ordenanças do evangelho.

Quando os próprios pais já cumpriram as ordenanças de salvação, quando deram o exemplo casando-se no templo, não só seu casamento tem maiores probabilidades de êxito, como os filhos tendem mais a seguir seu exemplo.

Os pais que provêm um lar assim, terão, conforme afirma o Senhor, "uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino... uma casa de ordem, uma casa de Deus". (D&C 88:119.) Por mais modesto e humilde que seja, nesse lar haverá amor, felicidade, paz e alegria. Os filhos crescerão em retidão e verdade, desejando servir ao Senhor." ("Fundamentos do Relacionamento Familiar Duradouro", *A Liahona*, janeiro de 1983, p. 105.) □

SOMENTE

CRISTO

PODERIA ABRIR AS PORTAS DO CÉU E

DEIXAR-NOS ENTRAR

(Ver Helamã 3:28)

Fotografia de Michael McConkie

JUNTOS EM RETIDÃO

Ardeth G. Kapp Presidente Geral das Moças

Moças e rapazes têm deveres e responsabilidades diferentes, mas podem ser unidos e abençoados pelo poder do sacerdócio.

AS MOÇAS, assim como os rapazes, têm boas razões para se alegrarem com a restauração do Sacerdócio Aarônico. Alegramo-nos porque o sacerdócio foi restaurado para abençoar toda a família humana. O poder do sacerdócio, quando exercido em retidão, une os homens e mulheres, filhos e filhas, e as famílias. Temos razão para nos alegrar juntos. A união na retidão está bem no

centro do plano de nosso Pai Celestial para seus filhos e filhas. É um plano glorioso do qual todos nós fazemos parte.

Para perceber a plenitude das bênçãos do plano de nosso Pai que envolvem o poder e a autoridade do sacerdócio, cada rapaz e cada moça precisam preparar-se para fazer a sua parte. Embora seus deveres e responsabilidades, sua influência e dotes naturais sejam diferentes, creio que sua preparação para receber a plenitude das bênçãos do sacerdócio tem mais semelhanças do que diferenças.

Consideremos as ocasiões em que o poder e a autoridade do sacerdócio se tornaram muito importantes para vocês, pessoalmente.

O Convênio do Batismo

Quando vocês foram batizados e se tornaram membros da Igreja, o batismo foi a primeira ordenança do sacerdócio na qual vocês fazem um convênio. Ele abriu a porta para que vocês começassem a trilhar o caminho de volta a nosso Pai Celestial. Vocês foram batizados pelo mesmo poder e autoridade que João Batista exerceu, quando batizou Jesus Cristo, nosso Salvador, no Rio Jordão.

O dom do Espírito Santo segue-se ao batismo e constitui a ordenança essencial seguinte do evangelho. As mãos foram impostas sobre sua cabeça por alguém que tinha a autoridade do Sacerdócio de Melquisedeque, e por esse poder, vocês foram abençoados para "receber o Espírito Santo". O Espírito Santo pode ser um companheiro durante toda a sua vida. O Espírito Santo é conferido para orientar vocês, ensinar, confortar, inspirar e dar testemunho a vocês da realidade do Salvador e das verdades do evangelho restaurado.

O Poder do Espírito Santo

Permitam-me que lhes lembre outras experiências que muitos de vocês tiveram ou terão com as bênçãos e o poder do sacerdócio e com o dom do Espírito Santo. Muitos de vocês foram ou serão chamados e designados (por alguém que tinha a autoridade do santo sacerdócio) para servir como oficiais do quorum ou de classe. Quando vocês são designados e é feita a imposição das mãos sobre sua cabeça, recebem o poder e autoridade para agir no ofício para o qual são chamados.

Permitam-me que lhes conte a respeito de uma presidente das Lauréis que o explicou da seguinte maneira: "Fui chamada para ser presidente de classe de dezessete moças, e o bispo disse que eu era responsável por elas. Tive medo dessa responsabilidade. Depois, ele me disse que deveria escolher minhas conselheiras e me lembrou a respeito da necessidade de orar e perguntar ao Senhor. Fiquei imaginando como isso funcionava — como eu saberia a quem o Senhor queria?

Escrevi dezessete nomes num pedaço de papel. Depois, orei sobre esses nomes... Continuei a pensar e orar e (riscar nomes) por três dias. Com apenas dois nomes sobrando, senti profundamente que sabia a quem o Pai Celestial queria. É assim que funciona."

É bom para ela e para vocês reconhecer e testemunhar o poder do Espírito Santo à medida que procuram inspiração quanto aos chamados que receberam de seu Pai Celestial através de seu bispo.

O poder do sacerdócio e a importância de sua restauração e bênçãos ganharam um significado especial em minha vida, quando tinha quinze anos. Havia contraído uma séria infecção no ouvido, e fui levada às pressas para o hospital. A infecção exigiu uma cirurgia delicada. Após a operação, ouvi por acaso um dos médicos dizer que o dano causado ao meu ouvido fora tão grande, que eu permanentemente perderia a audição e o senso de equilíbrio.

Bênçãos Especiais do Sacerdócio

Meu pai e um outro portador do Sacerdócio de Melquisedeque, tendo o poder e a autoridade para agir em nome de Deus, administraram-me, usando o óleo que fora consagrado pelo sacerdócio para ungir os doentes.

Minha mãe foi influenciada pelo Espírito Santo a colocar meu nome na lista de orações do templo, onde aqueles que estivessem presentes uniriam sua fé em oração por mim. Foi então que eu vim a saber que o nome das pessoas podia ser colocado na lista de orações do templo. Com o tempo, através da fé e do poder do sacerdócio, minha cura foi completa.

Como membro da Igreja, vocês já sentiram o poder do sacerdócio nas administrações e bênçãos que talvez tenham recebido? Receberam uma bênção de seu pai? Pediram a seu pai que lhes desse uma bênção em momentos especiais de necessidade — como o início de um novo ano escolar, ou durante momentos de desânimo, ou quando estão diante de uma grande responsabilidade, ou quando estão precisando de entendimento? Esses são momentos em que vocês podem receber a força de que necessitam. E na falta de seu pai, podem pedir a seus mestres familiares, ou ao bispo, ou a um amigo especial que tenha sido

ordenado para agir em nome de Deus. Sei que essas bênçãos lhes podem ser um grande conforto. Elas o foram para mim, e podem sê-lo para vocês.

Muitos de vocês estão numa idade em que pensam e tomam decisões importantes, às vezes decisões difíceis, que os afetarão pelo resto da vida. Como membros da Igreja, vocês têm o privilégio de receber uma outra bênção sem par do sacerdócio, uma bênção patriarcal. Essa bênção lhes é dada, a seu pedido, e dependendo de sua dignidade, por um patriarca ordenado por Deus para esse chamado especial.

Uma bênção patriarcal pode servir como orientação para você, com promessas que dependem de sua fidelidade no cumprimento dos mandamentos. Li e reli minha bênção patriarcal centenas de vezes. Ela tem sido uma âncora, um conforto, e uma orientação para mim, especialmente quando problemas ou desafios pesaram muito em minha mente.

"Ser uma mulher digna é uma coisa gloriosa em qualquer idade. Ser uma mulher digna em meio às cenas tempestuosas desta terra é um chamado especialmente nobre."

Ordenanças Sagradas

Outras das grandes ordenanças do sacerdócio, cuja finalidade é nos abençoar, foi instituída pelo Salvador, quando as horas finais de seu ministério terreno estavam-se aproximando. Durante a última ceia que fizeram juntos, "quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: tomai, comei, isto é (em lembrança de) meu corpo (que dou pela vossa salvação). E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos. Porque isto é (em lembrança) do meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado (por todos quantos crerem em meu nome) para remissão dos (seus) pecados." (Mateus 26:26-28, com acréscimos e correções feitas por Joseph Smith entre parênteses.)

A cada domingo, os rapazes do Sacerdócio Aarônico preparam e administram a ordenança sagrada do sacramento. Embora seja dever dos portadores do Sacerdócio Aarônico preparar e distribuir esses emblemas sagrados, todos os

membros dignos têm o privilégio de participar e de receber as bênçãos prometidas nesta ordenança do sacerdócio.

Pela autoridade do sacerdócio, tanto os rapazes como as moças são designados para serem mensageiros da verdade e ensinar o evangelho, quando recebem um chamado do profeta do Senhor para fazer uma missão para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Na casa do Senhor, o templo, todas as coisas são feitas pelo poder e autoridade do sacerdócio. No templo, homens e mulheres recebem suas investiduras e fazem convênios sagrados do sacerdócio que são acompanhados de promessas e bênçãos. Um dia todos os rapazes e moças íntegros poderão ter o privilégio e a oportunidade, se não nesta vida, de um casamento celestial e de uma família eterna. As maiores bênçãos do sacerdócio são conferidas sobre um homem e uma mulher no templo. Essa ordenança é necessária para a exaltação no mais alto grau do reino celestial. Como disse o Apóstolo Paulo: "Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor." (I Coríntios 11:11.) Eles são verdadeiramente parceiros nas bênçãos do sacerdócio.

E assim nos unimos e nos alegramos juntos, quando recontamos as bênçãos que cada um de nós recebe como resultado do sacerdócio. É um poder que nos abençoa diariamente e nos prepara para a eternidade.

O Chamado das Moças

Todos estamos bem familiarizados com os deveres e responsabilidades dos rapazes do Sacerdócio Aarônico. Mas, e as moças? Qual é o seu chamado? Um profeta disse: "Ser uma mulher justa é glorioso, seja qual for a época. Ser uma mulher justa durante a etapa final desta terra, antes da segunda vinda de nosso Salvador, é um chamado especialmente nobre." (Presidente Spencer W. Kimball, "Privilégios e Responsabilidades das Irmãs".)

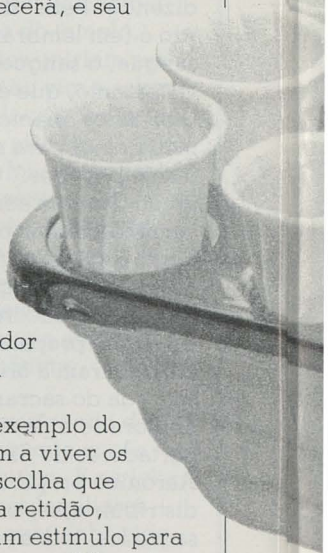
Sua idade não é uma limitação. Vocês têm um chamado significativo. Cada jovem, magnificando seu chamado para tornar-se uma mulher digna, ajudará a afastar os poderes do adversário, deter a difusão da pornografia, e guardar-se contra a imoralidade. Sua influência de retidão pode afetar muitas coisas — o grau de amor e harmonia em seu lar, o número de jovens proclamando o evangelho, o comportamento de uma amiga, o ambiente de sua sala de aula.

Como vocês se preparam, como disse certa vez o Presidente Kimball, para ter uma influência dez vezes maior do que poderiam ter em épocas de maior paz? Sua preparação vem à medida que vocês aprendem quem são e o que devem fazer. Os Valores das Moças as orientam nessa preparação. Para a pergunta "Quem sou?" os valores da *fé, natureza divina, valor individual* as ensinam que vocês são filhas de um Pai Celestial que as ama. Vocês herdaram qualidades divinas. Vocês são de infinito valor, com sua própria missão divina.

Em relação à pergunta "O que devo fazer?" os valores do *conhecimento, escolhas e responsabilidade, boas obras e integridade* ajudarão a orientá-las. À medida que vocês continuamente buscam oportunidades de aprender e crescer, aumentarão seu conhecimento e testemunho do evangelho. Vocês serão fortalecidas em seu desejo de sempre escolher o bem em lugar do mal, e de aceitar a responsabilidade por suas escolhas. Vocês aprenderão a alimentar outras pessoas e a terem um papel importante na edificação do reino de Deus por seu serviço digno começando em sua própria família. E, finalmente, adquirirão a coragem moral para tornar suas ações sempre compatíveis com seu conhecimento do certo e do errado, permitindo-lhes ser testemunhas de Cristo "em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar" (Mosiah 18:9).

Viver os Valores das Moças

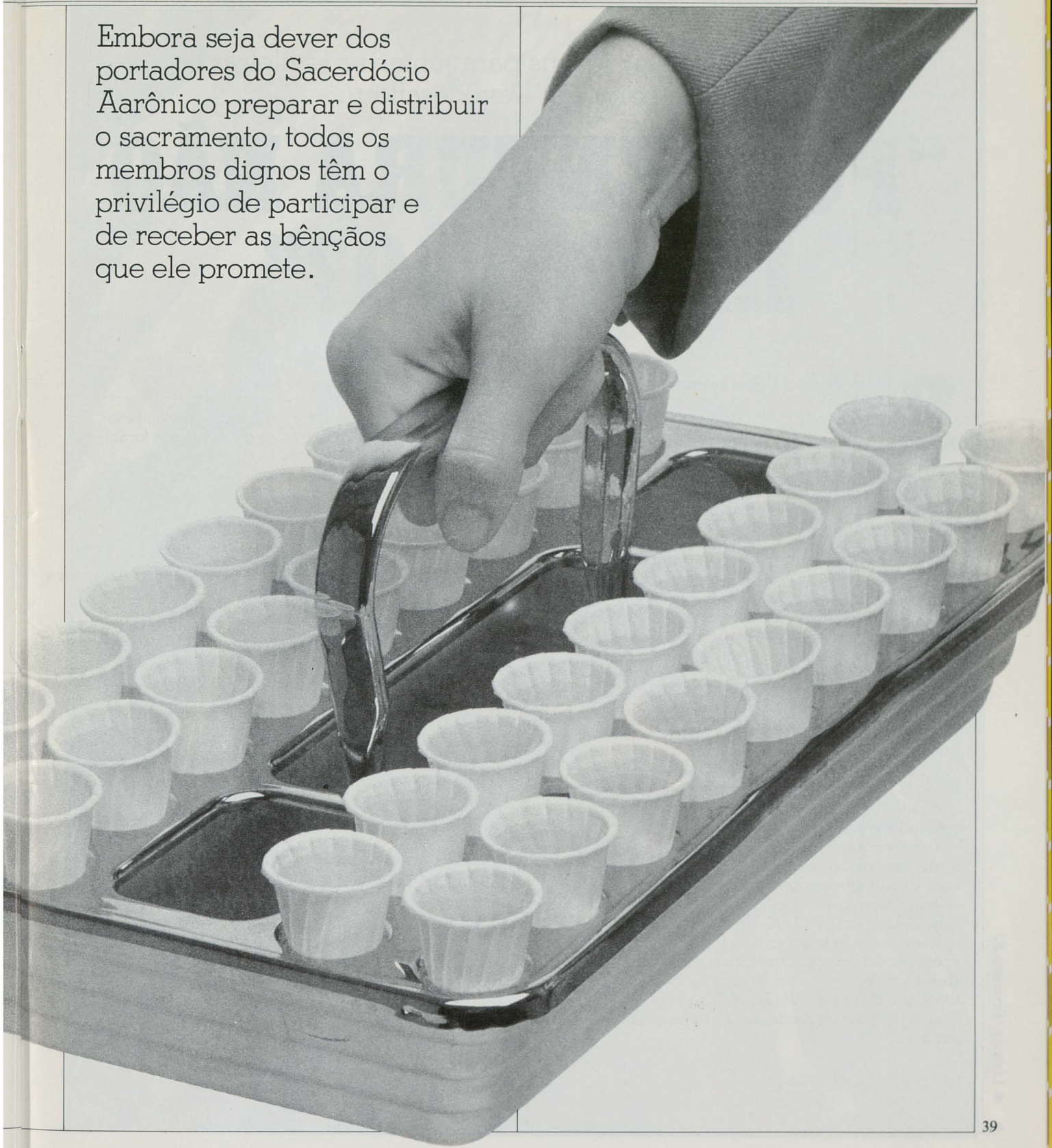
Estudem os Valores das Moças com suas referências escriturísticas. Eles as ajudarão a se prepararem para ter uma influência de retidão. Estudem os princípios do evangelho que eles expressam e apliquem-nos. Usem os valores como uma orientação para o seu viver diário. À medida que fizerem isso, o Senhor as fortalecerá, e seu Espírito provocará em vocês um maravilhoso despertar. Vocês começarão a entender o que significa tornar-se "luz no Senhor" e "andar como filhos da luz" (ver Efésios 5:8-9).



Minhas queridas irmãzinhas, vocês são luzes num mundo de uma escuridão crescente. Mas como o adversário está fazendo tudo o que está ao seu alcance para eliminar a luz, as palavras do Salvador amorosamente imploram: "Levantai vossa luz" (3 Néfi 18:24).

À medida que vocês seguirem o exemplo do Salvador, à medida que aprenderem a viver os princípios do evangelho em cada escolha que fizerem para defender a verdade e a retidão, crescerão até se tornarem luz — e um estímulo para aqueles que as rodeiam — dignas jovens, filhas de Deus. □

Embora seja dever dos portadores do Sacerdócio Aarônico preparar e distribuir o sacramento, todos os membros dignos têm o privilégio de participar e de receber as bênçãos que ele promete.



Chamamos nossos jovens para juntar-se às fileiras.
Como o jovem Davi desafiou...

"PORVENTURA NÃO HÁ RAZÃO?"

Élder Vaughn J. Featherstone
Do Primeiro Quorum dos Setenta
e Presidente Geral dos Rapazes

Para os rapazes da Igreja, gostaria de lançar um "chamado à batalha".

Morôni, o comandante geral dos exércitos nefitas (ver Alma 46:11), "rasgou sua túnica e, tomando de uma de suas tiras, nela escreveu o seguinte: Em memória de nosso Deus, nossa religião, nossa liberdade, nossa paz e nossas esposas e filhos; e amarrou-a na ponta de um mastro.

Revestiu-se então de seu capacete, de sua couraça e escudos e, cingindo seus lombos com uma armadura, tomou do mastro em cuja ponta se achava a túnica rasgada (a que ele chamou estandarte da liberdade), inclinou-se até o solo e orou fervorosamente a seu Deus, a fim de que as bênçãos da liberdade permanecessem sobre seus irmãos, enquanto houvesse um grupo de cristãos que restasse para possuir a terra...

E...Morôni...adiantou-se por entre o povo, fazendo tremular a tira de sua túnica no ar, para que todos pudessem ver a inscrição que nela havia colocado, e clamou em alta voz:

Todos os que queiram manter esse estandarte na terra, aproximem-se na força do Senhor, e façam convênio de que apoiarão seus direitos e sua religião, para que o Senhor Deus possa abençoá-los." (Alma 46:12-13, 19-20.)

Neste dia, nós também lançamos um chamado a vocês, nosso amados rapazes do Sacerdócio Aarônico. Vocês são um grupo de cristãos. Esse é um toque de reunir. Venham! A batalha é iminente. Nunca foi tão importante alistar-se na causa do Senhor

Lutem contra os Poderes do Mal

Foi erguido o estandarte para vocês. A trombeta soou clara e terrível. As frentes de batalha já foram estabelecidas. O exército de Lúcifer está organizado em fileiras das forças maléficas e satânicas. Seu grito de guerra é pavoroso. Sua causa é a destruição, o pecado, a morte, e o inferno. Eles têm uma única causa, e todos os poderes do mal na terra e no inferno estão-se unindo contra o batalhão dos cristãos.

Mas o Senhor enviou-nos os líderes maiores e mais poderosos de todos os tempos, e nos aconselha: "que o meu exército se torne muito forte, e que se santifique perante mim, para que se torne belo como o sol, e claro como a lua, e os seus estandartes sejam terríveis para todas as nações." (D&C 105:31.)

Cristo É Nosso Líder

Esta é uma época de escolha: "Escolhei hoje a quem desejais servir." (Alma 30:8.) Cristo é nosso comandante. Nosso comandante-chefe é o Presidente desta Igreja. O Senhor chamou seus generais e capitães entre os homens bons e santos de seu reino; são homens de claro entendimento, verdadeiros e sóbrios, homens íntegros e leais, homens que lutarão pela causa do Mestre. Esses homens estão cheios de justiça e misericórdia. Estão cheios de luz, e confiam no Senhor seu Deus e sabem que ele nos libertará.

Chamamos vocês, nossos jovens, para se juntarem às fileiras. Como desafiou o jovem Davi: "Porventura não há razão?" (I Samuel 17:29.) Ah, meus queridos jovens, há uma razão, mais gloriosa

Pintura de Arnold Friberg

Foi erguido o estandarte para vocês.
A trombeta soou clara e terrível.
Chamamos vocês, nossos jovens, para se juntarem às fileiras.
Estamos travando uma batalha pelas almas dos filhos
dos homens.

do que podemos descrever. Estamos travando uma batalha pelas almas dos filhos dos homens. Nossa mensagem é a paz, a caridade, a pureza, e a obediência. Espera-se que nossa geração vá adiante como filhos da luz, em mansidão e humildade, com o poder de Deus. Sob a direção de nossos líderes precisamos penetrar em todas as nações, visitar todas as plagas, e chegar a todos os ouvidos, lembrando que não há mão profana que possa obstar o progresso da obra.

É o momento de Sião vestir seus vestidos formosos, em contraste com o exército do mal, que está vestido com roupas negras, malignas e repulsivas. Tornar-nos-emos belos como o sol e claros como a lua. Limpem e purifiquem sua vida. Vivam todos os mandamentos. Cessem de ser ociosos. Aprendam a trabalhar. Vivam a Palavra de Sabedoria. Não se deixem cair na armadilha das cobiças da carne. Disciplinem sua vida. Evitem fazer concessões na música, dança e vestuário. Procurem tornar-se puros de coração e ser obedientes em todas as coisas. Removam cada partícula de rebelião (que vem de Satanás) de suas almas. Honrem seus pais e suas mães.

Aprendam sobre o Senhor e sua estratégia para o seu exército. Estudem as escrituras diariamente. Leiam o Livro de Mórmon com uma oração no coração. Orem em segredo e com suas famílias. Aprendam a ter a mais absoluta confiança no Senhor.

Engrossem as Fileiras de Deus

Quando fazemos isso, Satanás não pode prevalecer. Engrossemos as fileiras de Deus. Vamos procurar aqueles que não se alistaram, aqueles que podem estar enganados, aqueles que estão no deserto, espiritualmente — aqueles cujos espíritos estão feridos e que estão sendo tentados pelo maligno. Vamos resolver, aqui, que toda partícula de energia e todos os métodos possíveis serão planejados para engrossar as fileiras com multidões de soldados que não estão atualmente envolvidos em nossa causa, aqueles que precisam de uma causa maior do que aquela que possuem agora.

Vamos à procura deles. Vamos começar com a Primária e desafiar cada presidente de Primária a ativar os meninos e meninas neste ano. Vamos desafiar todos os quoruns de diáconos, mestres e sacerdotes a ativarem pelo menos um membro do quorum neste ano. Vamos ordenar mais sacerdotes ao ofício de élder, e que as irmãs, da mesma forma, tentem influenciar as fileiras das Moças.

Irmãos, esta estratégia engrossará as fileiras do Sacerdócio Aarônico com mais de um quarto de milhão de soldados modernos de Deus, e dentro de três anos teremos 50.000 missionários. "Porventura não há razão?"

Precisamos de rapazes que possam suportar o calor do fogo do ourives. Isso requer autodomínio, disciplina, e controle de nossos apetites. Requer sacrifício. Quando um atleta decide competir, ele promete obedecer a certas regras e disciplinas. Quando vocês se juntam ao exército do Senhor, há disciplinas e sacrifícios. Lembrem-se sempre de que as recompensas e bênçãos são dadas àqueles que participam.

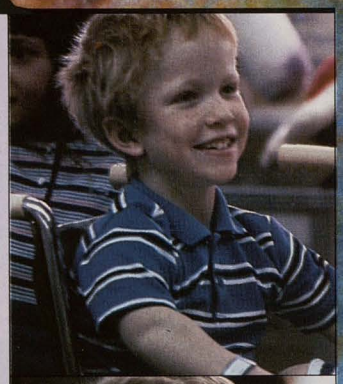
Venham, meus queridos irmãos e irmãs, vamo-nos erguer e brilhar, belos como o sol, claros como a lua. Que o exército do Senhor se torne muito grande; que então sigamos adiante com um poder jamais conhecido na história do mundo. Levaremos o estandarte da liberdade e o Evangelho de Jesus Cristo com grande honra. O grupo de cristãos aumentará e se tornará o exército poderoso de Deus, e neste dia o Senhor entregará o inimigo em nossas mãos. Nós venceremos, e a vitória será doce. Seguraremos a barra de ferro, e provaremos o fruto da árvore da vida.

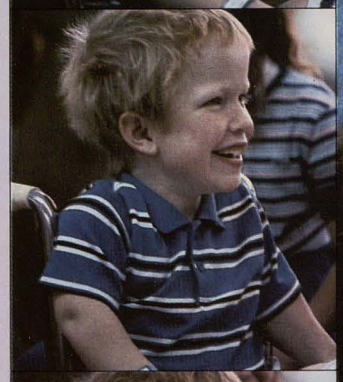
Ouçam. Conseguem ouvi-la à distância? A trombeta está soando. Vocês conseguem ouvir o chamado do clarim? Conseguem ouvir os passos firmes dos exércitos de Deus em marcha? Eles estão vindo. Ergam-se, dêem o grito de guerra e juntem-se às suas fileiras.

Declaramos com Joseph Smith: "Foi erguido o Estandarte da Verdade; não há mão profana que possa obstar o progresso da obra; pode campear a perseguição, podem combinar-se turbas, reunirem-se tropas, difamar com calúnias, mas a verdade de Deus avançará intrépida, nobre e independente, até penetrar cada continente, visitar todo clima, varrer cada país, e soar em todo ouvido; até que os propósitos de Deus sejam cumpridos, e o grande Jeová proclame que a obra está terminada." (*History of the Church*, 4:540.) □

AMO VOCÊ, PALHAÇO

Quando se trata de serviço, esses rapazes não estão apenas brincando de palhaços.





Melvin Leavitt

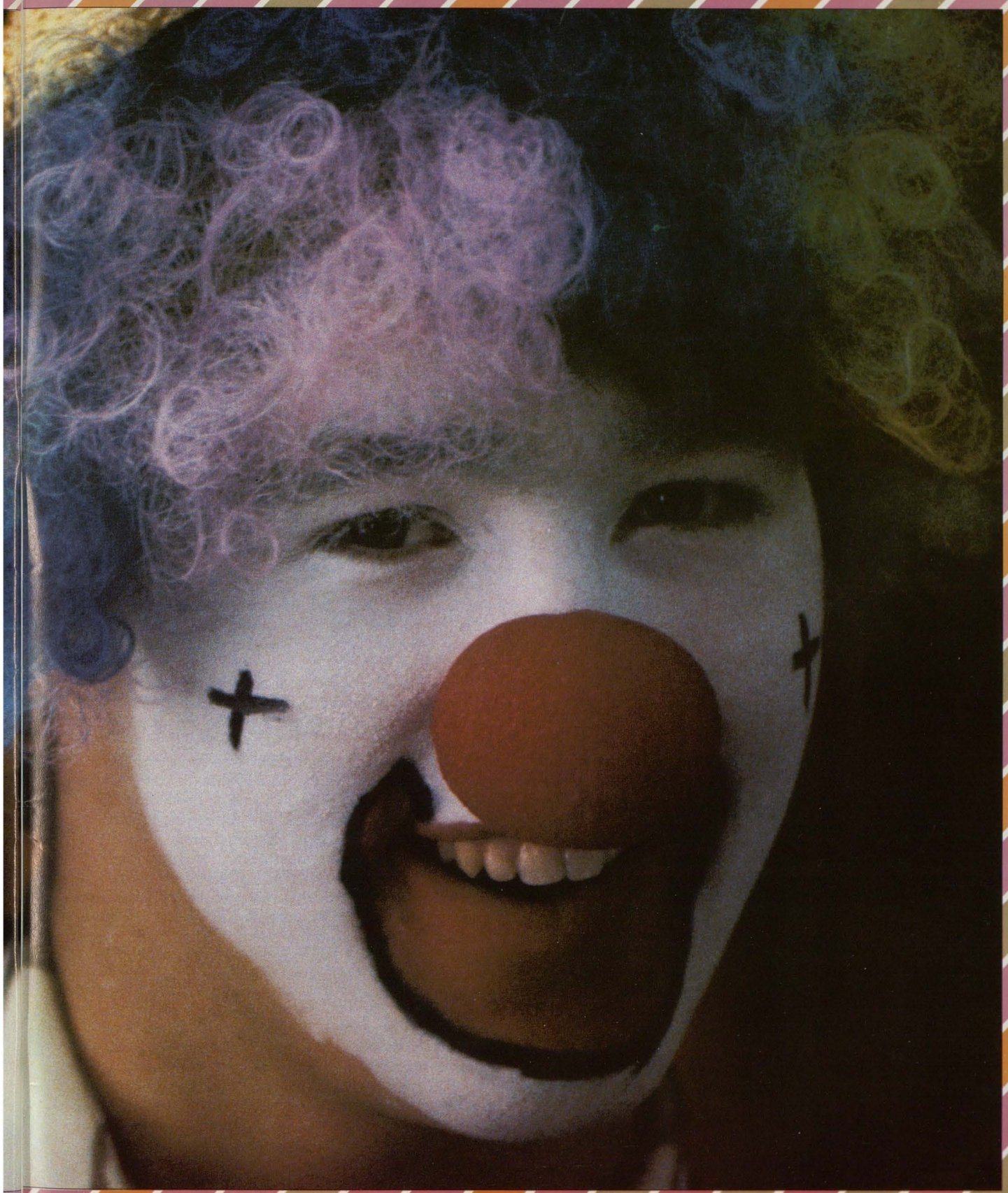
A grande sala de aula do hospital para crianças deficientes está cheia de crianças e de risos e de palhaços com perucas de todas as cores do arco-íris e sorrisos gigantescos.

As crianças já riram e gritaram com os balões que explodiam e as brincadeiras. Mas agora é a hora da apresentação dos palhaços, que representarão as garrafas num jogo de boliche. Uma enfermeira é convidada a participar. Ela consegue jogar uma grande bola nos palhaços. Mas a bola nunca os atinge, porque os palhaços pulam e conseguem desviar-se, contorcendo-se.

Agora uma garotinha tenta. Sentada em sua cadeira de rodas, ela empurra a bola para os palhaços com toda a força de que é capaz, mas a bola cai sem força de seu colo e mal alcança os boliches humanos. A garotinha que atirara a bola suspira, subestimando a mágica dos palhaços. Quando a bola fraca chega até o palhaço mais distante, ele cai para trás, como se tivesse sido atingido por um caminhão, fazendo um segundo palhaço cair; este, por sua vez, bate num terceiro. Toda a pilha de palhaços explode como uma granada e se separa, derrotada. As crianças se alegram. Quando há a presença de palhaços, as crianças sempre ganham.

Eles Curam a Tristeza e as Lágrimas

Com esse bando de palhaços indisciplinados, é uma coisa louca atrás da outra. Eles são os rapazes da unidade 207 de Escoteiros Exploradores, da Ala Riverside, Estaca Colville Washington. Se o riso é o melhor remédio, esses rapazes são médicos. Eles



Fotografía de Laird Roberts

Os rapazes freqüentemente têm orado para que possam influenciar a vida daqueles para quem se apresentam. Agora estão trabalhando com afinco para se tornarem parte da resposta a suas próprias orações.

conseguem curar a tristeza com sorrisos e curar lágrimas com risos. As crianças que eles visitam desfrutam de um período de tempo sem pensar em operações ou agulhas hipodérmicas ou dor.

Quando a apresentação desse dia acaba, os palhaços circulam entre os pacientes, fazendo animais e objetos com os balões — cachorros, gatos, espadas, girafas, aviões. Eles tentam fazer qualquer coisa que as crianças pedirem, e mesmo os fracassos se constituem numa boa diversão. Eles também desenham estrelas nos rostos das crianças, como as dos palhaços.

Os bons momentos precisam acabar cedo demais. As enfermeiras que riram e se alegraram junto com seus pacientes, começam a levá-los para o tratamento médico. As crianças aplicam táticas para demorar esticando o momento da despedida tanto quanto lhes é possível. Uma garotinha dá um abraço apertado num palhaço, depois olha bem em seus olhos e diz: "Eu amo você, palhaço." Finalmente, todas as despedidas são apresentadas. As crianças voltam para seus quartos, sentindo como se tivessem sido tocadas por alguma mágica especial.

Os palhaços ainda estão cheios do espírito daquilo que fizeram. Assim, continuam com suas roupas e com seus rostos engraçados quando saem do hospital, aglomeram-se em dois carros e vão comer um hamburguer. Os motoristas que encontram no caminho, especialmente as crianças, ficam boquiabertos e maravilhados, quando vêem os dois carros cheios de palhaços sorridentes que lhes acenam.

Enquanto comem um hamburguer numa lanchonete, os palhaços compartilham experiências de sua atuação no hospital. Eles fizeram muitas visitas assim.

A Unidade 207 de Palhaços começou quando a juventude da ala planejou uma visita ao hospital. Os Escoteiros Exploradores decidiram apresentar um número de palhaços, como sua contribuição para o programa. Seu consultor, Ron Buchanan, pediu a ajuda de seu vizinho mais próximo, Howard Pressy, que por coincidência era um palhaço profissional. Com a ajuda de Howard, os escoteiros prepararam uma apresentação e a levaram ao hospital. O Irmão Buchanan (também conhecido como "Palhaço Classy") recorda: "Isso nos deu uma perspectiva totalmente nova. Aqueles jovens pacientes não estavam preocupados com atividades sociais. Sua

preocupação era se algum dia iriam andar! Você não pode ser o mesmo depois dessa experiência. Você sai de lá mudado.

"Falamos depois sobre as palavras do Rei Benjamim: "quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus." (Mosiah 2:17.) Decidimos que iríamos continuar a trabalhar como palhaços. Serviríamos através do riso."

O Que Significa Ser um Palhaço

Então seguiu-se um período de treinamento no qual trabalharam muito para aprender a sua arte. Passaram horas desenhando seus rostos e roupas e aprendendo como colocá-las com perfeição. Ensaiaram comédias e aprenderam a se contorcer, a moldar balões, dando-lhes a forma de animais. Depois usaram seu talento para abençoar a vida de crianças que estavam em hospitais, orfanatos, e em outras causas justas. Cada um dos rapazes desenvolveu algum tipo de talento especial. O "Pintor" (Donald Anderson) conseguia cair e parar a apenas alguns centímetros do solo. "Jasper" (Karl Watts) tornou-se o porta-voz do grupo. "Risonho" (Aaron Griffith) aprendeu muito bem a andar como Charlie Chaplin.

Nesse meio tempo, Howard (também conhecido como "Atrapalhado") os ajudou a entender o que significa ser um palhaço. Enfatizou desde o início que ser um palhaço é um assunto muito sério.

"Qualquer um pode pintar o rosto e colocar uma roupa com aparência tola, mas isso *não* faz de você um palhaço. Quando um verdadeiro palhaço coloca sua maquilagem e sua roupa, também assume certos traços de caráter que ele tem obrigação moral de preservar. Um bom palhaço profissional não fuma, não bebe, nem usa profanidade em sua caracterização. Isso simplesmente não se faz. Ele não presta nenhuma atenção ao fato de a criança ser preta, verde, amarela, ou roxa. Ele as trata da mesma forma.

Ele não estraga a impressão, não importa o que aconteça. Se uma criança se levanta e o chuta, você ainda a ama — porque você é palhaço."

Quando a fama dos palhaços se espalhou, os rapazes mais novos começaram a esperar ansiosamente pelo seu décimo-sexto aniversário, quando entrariam para o grupo de Exploradores do Escotismo. Na época em que Tony Romish e Bryan McGinty atingiram essa idade, eles tinham já nomes à sua espera. Tony tornou-se "Escavador", e Bryan tornou-se "Doutor Cotovelo". Eles treinaram muito e logo se tornaram habilidosos palhaços.

Não contentes com serem simplesmente bons, os garotos se reúnem todas as quartas-feiras para treinar seus números e tornar-se ainda melhores. Há companheirismo, calor e amor, mas há também sério sentimento de responsabilidade. Os rapazes freqüentemente têm orado para que possam influenciar a vida daqueles para quem se apresentam. Agora estão trabalhando com afinco para se tornar parte da resposta a suas próprias orações.

Uma Oportunidade de Crescimento Pessoal

Howard e Ron sempre enfatizaram para os membros da unidade que, quando eles colocam seus acessórios e a maquilagem de palhaços, já não são mais eles próprios. Não podem mais permitir que seus próprios receios e inibições pessoais os impeçam de cumprir seu dever como palhaços. "Quando você coloca as roupas, não tem mais sua própria identidade, não é mais você mesmo; você é um *palhaço*. E você *tem* o *dever* para com as pessoas de torná-las felizes."

Os exploradores logo perceberam que poderiam realizar algo como palhaços, realizar coisas boas, que seria difícil fazer como eles mesmos.

"Quando represento como palhaço", diz Don, "não sou mais Donald Anderson. Sou "Pintor". Sou mais feliz do que jamais fui. Gosto mais das pessoas por causa da influência de "Pintor". Estou-me preparando para sair em missão. Eu tinha dúvidas quanto a isso, mas vejo que "Pintor" ajuda muito as pessoas, e quer ser capaz de fazer isso como Donald Anderson também."

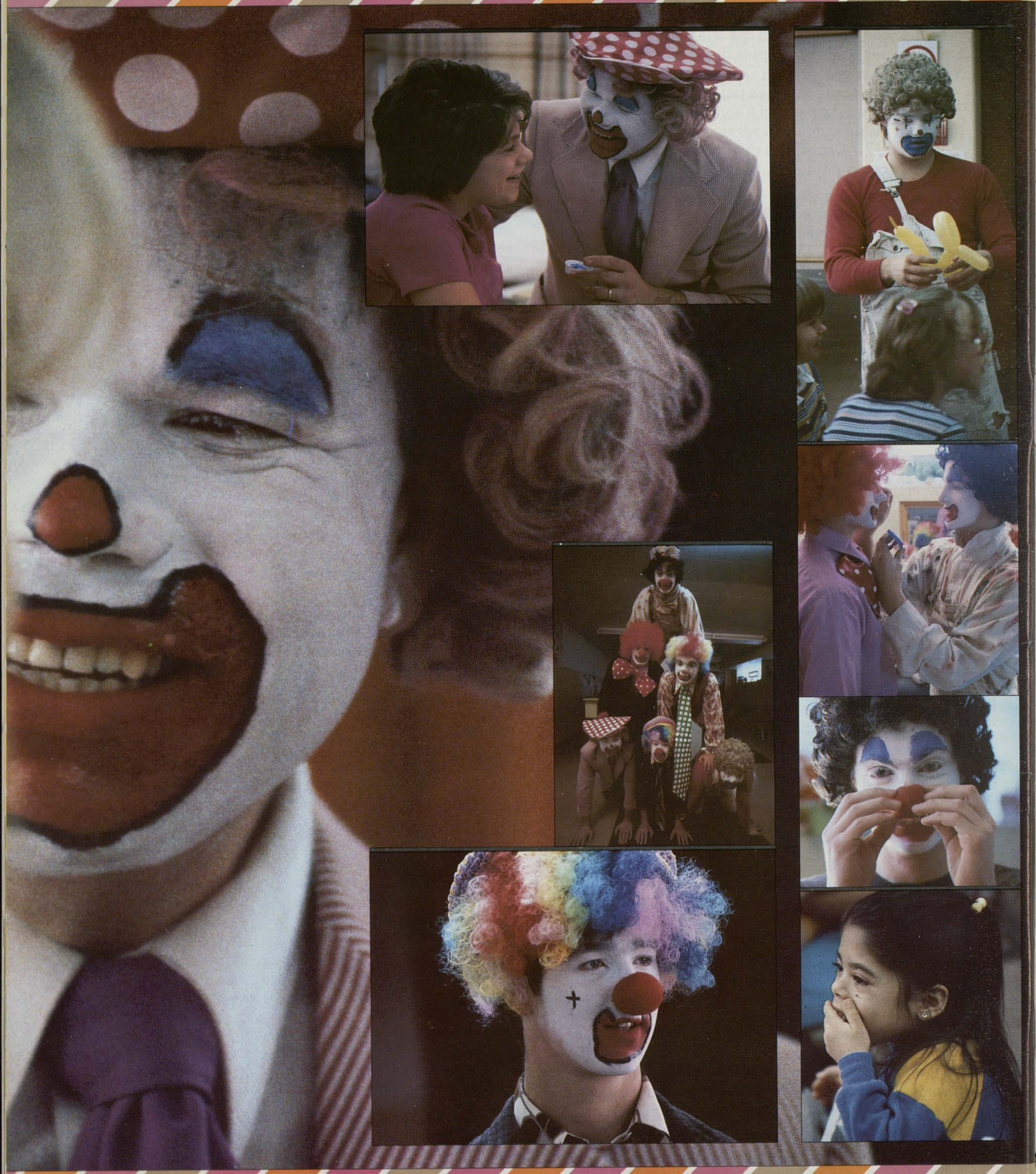
Todas as qualidades maravilhosas do "Pintor", é claro, na realidade são do próprio Don. Elas simplesmente tinham permanecido dentro dele, esperando por uma boa desculpa para vir à tona e brilhar.

A Recompensa de um Palhaço

Além do crescimento pessoal, os palhaços têm sido recompensados por seu árduo trabalho com lembranças maravilhosas. "A primeira vez que visitamos o hospital, todos nós estávamos morrendo de medo. Não tínhamos certeza de como iríamos atuar com crianças paraplégicas. Mas eles realmente corresponderam, e foi uma experiência maravilhosa. Quando acabamos, perguntamos à enfermeira se alguma criança não havia podido vir.

Ela nos levou para o quarto de um garoto cujo rosto fora literalmente retalhado num acidente de carro. Parecia que seu rosto fora passado num moedor de carne. Tinha tanta consciência do seu aspecto, que não queria sair de seu quarto.

Assim, tivemos muito cuidado. Entramos e dissemos: "Alô, sentimos sua falta. Quisemos dar-lhe um balão especial." No início, ele estava realmente tímido. Mas depois começou a corresponder. E eu estava tão orgulhoso dos palhaços! Eles não desviaram o olhar do menino.



"Como palhaço, a gente quer ajudar as pessoas que são diferentes de nós. Sentimo-nos unidos a todos."

Eles olharam bem para ele e fizeram com que soubesse que se importavam com ele.

"No momento em que acabamos, o garoto estava falando. Estava amável. Ele sabia que era alguém importante, e que havia três ou quatro palhaços no quarto que se importavam com ele. Falou-nos a respeito da cirurgia que estava próxima, e todos lhe desejamos o melhor. Foi uma das experiências mais gratificantes de nossa vida."

Certa vez, numa partida de basebol para crianças deficientes e retardadas, os palhaços adotaram um time que estava perdendo por uma margem impossível. Os membros do time haviam desistido — até que se viram apoiados por um grupo de palhaços verdadeiros que eram autênticos líderes de torcida. "Descobríamos sempre o nome do menino que estava com o bastão e começávamos a gritar: "Vamos, Carlos, você pode fazer isso. Vamos Fred!" A essa altura da partida, eles mais que dobraram o seu placar. Eles acabaram perdendo, porque era a última parte do jogo, mas, quando partiram, estavam animados demais, porque alguém tinha torcido por eles."

Às vezes é preciso muito pouco para fazer a diferença, mas para um palhaço esse pouco não é uma opção — é um dever. Por exemplo, num hospital havia entre os espectadores dois meninos que falavam espanhol. Sentiam-se um pouco negligenciados, porque não conseguiam entender as brincadeiras em inglês. Os palhaços uniram seus parcos conhecimentos de espanhol e começaram a fazer algumas brincadeiras bilíngües. O resultado? "Aqueles meninos pareciam renascer."

Amor aos Filhos de Deus

Trabalhar com os menos afortunados deu aos palhaços uma sensibilidade e amor a todos os filhos de Deus. Tony Romish relata: "Como palhaço a gente quer ajudar as pessoas que são diferentes de nós. Sentimo-nos unidos a todos. Todos parecemos nos dividir em diferentes grupos — os fisicamente capazes e os fisicamente incapazes, negros e brancos, jovens e velhos, ricos e pobres. Como palhaços, sentimo-nos próximos a todos. Sentimo--nos menos separados. Na escola, as pessoas freqüentemente caçoam daqueles que são mental ou fisicamente incapazes. Antes, eu simplesmente passaria de largo, mas agora não posso. Tenho de parar e defender quem quer que esteja sendo ferido."

Um dos segredos do sucesso dos palhaços é o Irmão Buchanan. Ele ama esses rapazes de todo o coração. Sacrifica quase todos os seus sábados e muitas noites durante a semana por eles, e não considera isso um sacrifício. "Eles são muito especiais para mim", diz ele. "São rapazes maravilhosos. Dão de si mesmos continuamente. E se divertem fazendo isso. São minha segunda família."

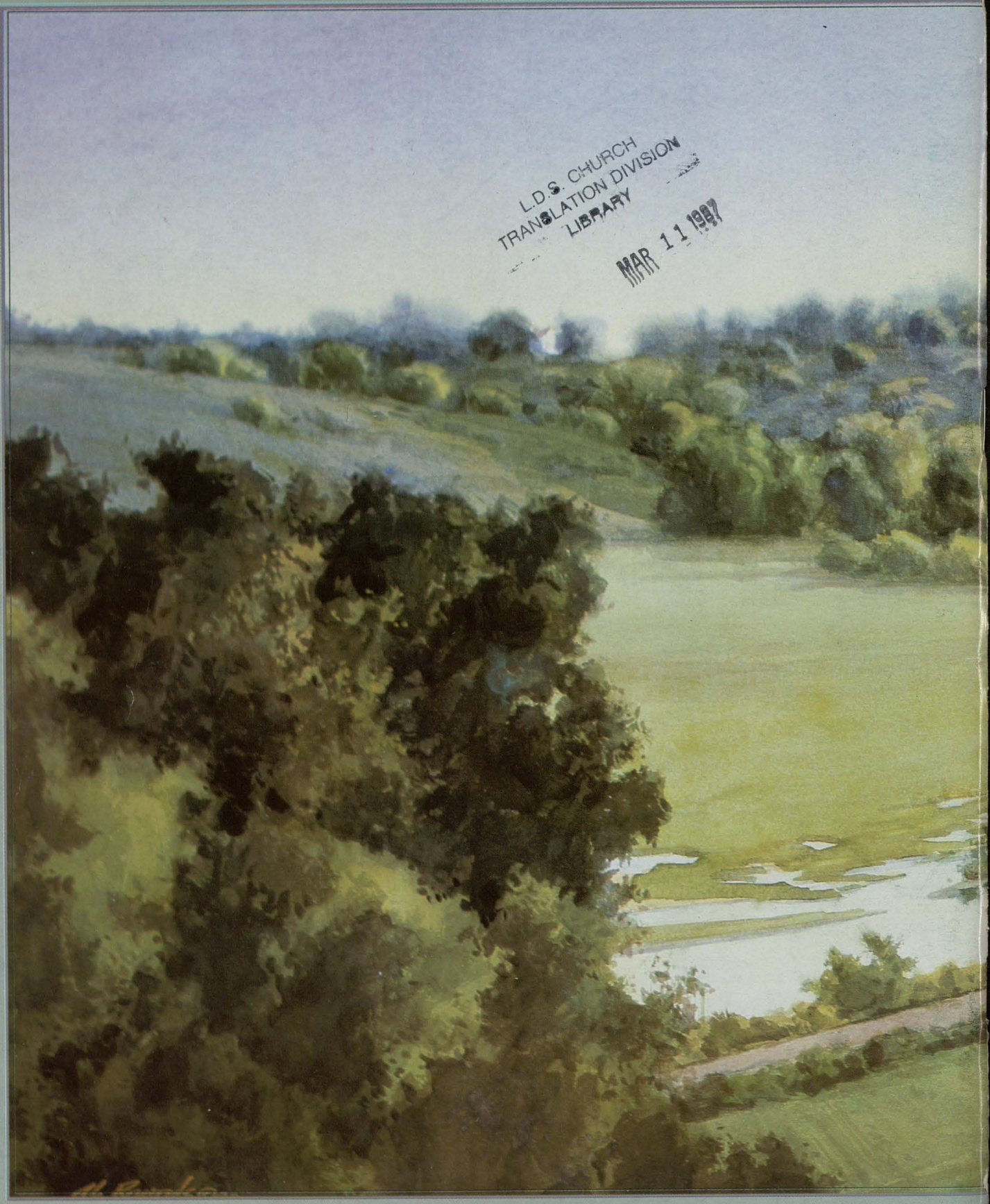
Divertimento e Serviço

Atuar como palhaço é uma forma especialmente altruísta de entretenimento e serviço. O palhaço recebe aplausos, mas as pessoas que o aplaudem não sabem quem é ele. Eles sabem o nome do palhaço, mas nunca saberão seu nome real. Não há uma fama pessoal — apenas o maravilhoso sentimento de fazer as pessoas felizes.

Mas o amor que esses palhaços sentem pelas crianças a quem servem é muito mais doce que a fama. Muitos deles já se levantaram, quando estavam acamados, para atuar, preferindo não perder esse maravilhoso sentimento.

Atuar como palhaço é um trabalho árduo. Mas também pode ser a forma mais agradável de servir que já foi inventada. "Disse a um dos rapazes que era divertido realizar projetos de serviço. Ele disse: "Isso é serviço, não é? Estou-me divertindo tanto, que nunca paro de pensar nisso.""

Divertimento e serviço. Serviço e divertimento. E fraternidade e amor, e a doce, e saudável alegria do riso puro. Os Escoteiros Exploradores da Unidade 207 são especialistas em elevar corações, e não se pode elevar corações sem elevar a si próprio. □



L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY
MAR 11 1987